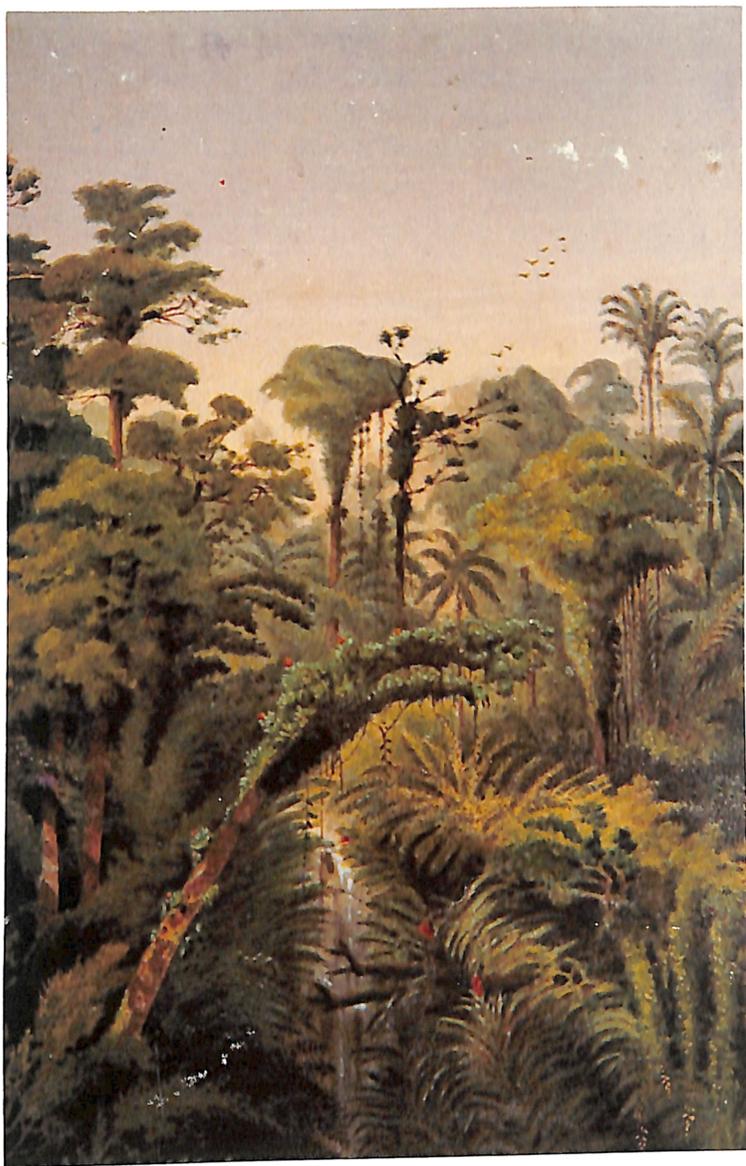
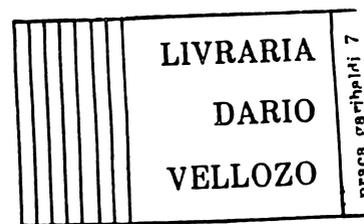


MICHAUD , O PINTOR DE SUPERAGUI



Emílio Scherer

Capa: Obra de William Michaud



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
PREFEITO MUNICIPAL: ROBERTO REQUIÃO
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA/FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA
SECRETÁRIO: CARLOS FREDERICO MARÉS DE SOUZA FILHO

Endereço: Praça Garibaldi, 7
80.410 – Fone (041) 223-2733
Periodicidade irregular

MICHAUD , O PINTOR DE SUPERAGUI

Emílio Scherer

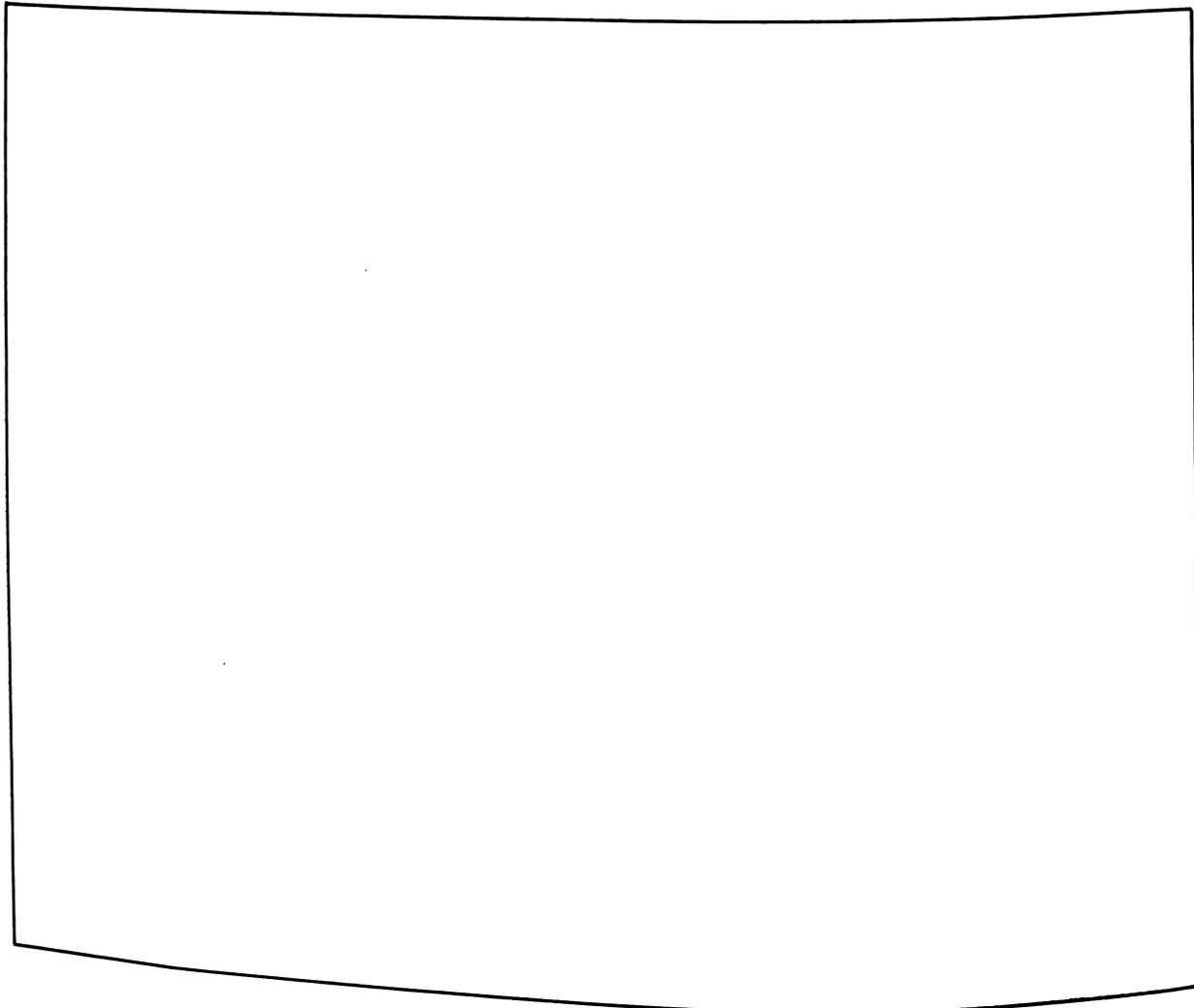
Tradução: Joaquim Graf



Secretaria Municipal da Cultura • Fundação Cultural de Curitiba

Nossos agradecimentos à Fundação SOS Mata Atlântica — e em especial a seu presidente, Rodrigo Lara Mesquita — pelo esforço para trazer ao Brasil reproduções fotográficas dos originais do trabalho de William Michaud do acervo do Museu Histórico da Velha Vevey, que guarda, hoje, a maior parte de sua obra, além de documentos e inúmeras cartas a familiares, escritos durante o longo período em que viveu no Brasil.

Todos os trabalhos de Michaud apresentados a cores neste livro foram reproduzidos a partir de cópias fotográficas cedidas pela diretora do Museu, Françoise Bonnet, a quem também agradecemos.



Michaud é um paranaense nascido na Suíça. A sua produção artística recria não apenas a exuberante, colorida paisagem da mata da Atlântica no litoral norte do Paraná, mas a imaginação, a idéia, a alma de um povo acostumado a conviver com a exótica e fugaz beleza da flor do maracujá.

Mas não é apenas a arte de Michaud que faz transparecer esse seu espírito de Guaraqueçaba. Ele não veio montar seu cavalete, pintar e partir. Michaud viveu em Guaraqueçaba e deixou seu testemunho perene da fugacidade, fragilidade e generosidade da natureza em Superagui.

Nos anos em que viveu naquelas baías encantadas, nos recôncavos e nos alagados, humanizou o paraíso, deu à natureza inteligência, trabalho, amor e recebeu em troca toda a beleza feliz de cada árvore, pássaro ou fruto. Basta ler as descrições ou ver suas telas e se terá a medida exata do homem que viveu a natureza e interpretou-a.

A Prefeitura de Curitiba, através de sua Fundação Cultural, não poderia deixar de publicar a tradução deste livro para que aqui também se conheça um pouco da história da arte, da cultura e da natureza de nossa região, e a vida deste homem, que vindo de longe, soube amá-la.

Carlos Frederico Marés de Souza Filho

Título original:
William Michaud von Vevey (1829-1902)

Esta publicação é separata da ACTA TROPICA, 1960.
© 1960 by VERLAG FUER RECHT
UND GESELLSCHAFT
AG-BASEL

Versão em língua portuguesa de Joachim Graf.
Copyright dos direitos autorais para o Brasil concedidos pela
ACTA TROPICA à Fundação Cultural de Curitiba, 1988.

Ficha catalográfica elaborada no Setor de Bibliotecas
da Fundação Cultural de Curitiba.

S 326 Scherer, Emilio
Michaud, o pintor de Superagui / Emilio
Scherer ; tradução de Joachim Graf.
Curitiba, Imprensa Oficial, 1988.
104p.

1. Michaud, William, 1829 - 1902 I.
Graf, Joachim II. Título.

CDD 927.9994

SUMÁRIO

Introdução	11
I – William Michaud de Vevey: juventude, emigração e peregrinação pelo Brasil.	21
II – Viagem para o Sul do Brasil e estabelecimento na Colônia Superagui	33
III – Michaud e a evolução da Colônia Superagui	47
IV – A vida familiar de Michaud, seus vizinhos e seu círculo de amigos.	57
V – Michaud, o pintor de Superagui.	67
VI – Lances adversos do destino: revolução e prisão	77
VII – Os últimos anos da vida de Michaud	85
Notas.	99

Coordenação: Teresa Urban
Programação Visual: Ana Lucia Santos Verdasca e Aulio Costa Zambenedetti
Arte final: Ana Lucia Santos Verdasca
Revisão: Carla Anete Berwig
Operador de Composer: Reinaldo Cezar Lima
Produção Gráfica: Vivian S. Schroeder



Introdução

No século XVIII, antes dos acontecimentos revolucionários, a Suíça conhecia a emigração principalmente sob a forma de prestação de serviços. Durante a primeira metade do século XIX, este movimento praticamente cessou, substituído pela emigração colonizadora. A causa imediata desta mudança foi o enfraquecimento da vida econômica da Confederação Suíça, em consequência do peso da ocupação francesa e do constante trânsito de exércitos estrangeiros. Outra causa significativa era a crise econômica que acompanhara o bloqueio continental imposto ao país. Esta crise era mais forte e ampla do que a depressão causada pelo sistema continental, pois atingia não só alguns ramos importantes da indústria têxtil mas, ao mesmo tempo e de forma bastante acentuada, também a agricultura, ainda marcada pelas más colheitas dos anos de 1816 e 1817.

Para debelar a pobreza em massa e remover o excesso de população, as autoridades do país não viram, pois, outra saída que a de abrir a seus súditos o caminho para outros países. Como os candidatos à emigração provinham principalmente de regiões puramente agrícolas ou de regiões onde a fiação de algodão havia desaparecido(1), o destino era naturalmente os países de além-mar, em primeiro lugar para a América do Norte e América do Sul, onde as possibilidades da colonização agrícola eram ilimitadas.

As "Acta Tropica" publicaram, num de seus primeiros volumes, uma contribuição valiosa e muito bem documentada de Walter Bodmer(2), que demonstra como, entre os anos de 1800 e 1870, várias correntes emigratórias da Suíça dirigiram-se à América do Sul, especialmente para o Brasil, onde já estava estabelecido, individualmente, um número considerável de emigrantes suíços, em atividades de comércio.

A um desses, Charles Perret-Gentil, de Neuenburg, que desde 1841 representava a Confederação Suíça como Cônsul Geral, a Colônia Superaguí deve sua fundação(3). No além-mar, o empenho das autoridades suíças de pôr em ordem a emigração e de canalizá-la em determinada direção, encontrava equivalentes em uma proposta puramente comercial, se bem que camuflada sob formas humanitárias. Perret-Gentil era cunhado do senador José Vergueiro, proprietário de uma importante firma de importação e exportação em Santos e de uma extensa fazenda em Ibi-caba, próxima à pequena cidade de Limeira, a 100 quilômetros a Oeste de São Paulo. Nesta propriedade fora programada a instalação de grandes plantações de café e Vergueiro necessitava, para isto, de imigrantes europeus. Em seus relatórios como Cônsul Geral, Perret-Gentil fizera grandes elogios a Vergueiro, louvando muito o assim chamado "sistema Vergueiro". Um desses relatórios, de 30 de março de 1843, por exemplo, fora publicado pela Sociedade Suíça de Utilidade Pública, em Glarus, em 1844, junto com documento similar do adido comercial da Bahia, August Decosterd, de 23 de julho de 1843.

Perret-Gentil, junto com o vice-Cônsul Arthur Guigner, lançou-se à tentativa de fundar uma Companhia de Colonização em grande estilo, com o apoio, se possível, das autoridades da *Confederação Suíça*. Como havia, em Berna, restrições a estas intenções, Perret-Gentil afastou-se do cargo de *Cônsul Geral e dedicou-se com todo o empenho* à realização de um plano que há muito havia preparado e sobre o qual havia feito viva propaganda por ocasião de suas viagens para a Europa, em 1846/47 e em 1851/52. O plano estava relacionado com a elevação da região ao Sul de S. Paulo a Província autônoma — Paraná — compreendendo uma área de 200 mil quilômetros quadrados, com acesso relativamente estreito para o mar, através da baía de Paranaguá.

Esta gigantesca região era quase completamente despovoada. Tinha, entretanto, uma enorme riqueza florestal e vastas regiões de terras férteis. Inúmeros rios e correntes de água menores ofereciam uma irrigação favorável. O clima era comparável ao do Rio de Janeiro e, ao norte, relativamente temperado, de forma que a nova Província parecia apropriada para a colonização por imigrantes europeus.

A nova Província não contava com muito mais de 60 mil habitantes. As únicas povoações maiores eram Curitiba, com 5.819 habitantes e Paranaguá, com 6.533. Além disso, havia ainda sete vilas, seis paróquias com igrejas e quatro capelas. O primeiro presidente do Paraná, Zacarias de Goes e Vasconcellos, tinha como centro de seus propósitos a colonização da Província e a esperança de consegui-la através de uma ampla liberação da imigração, com todas as facilidades. Em sua opinião, somente estrangeiros poderiam oferecer a mão-de-obra — os artesãos, os agricultores — da qual o país necessitava para seu desenvolvimento. A Lei de 2 de março de 1855 dizia o seguinte: deveriam ser atraídos, em primeiro lugar, estrangeiros já domiciliados no Brasil por certo tempo, habituados, portanto, com o vernáculo e com o meio.

A Lei, aparentemente, tinha como objetivo favorecer os moradores da Colônia Dona Francisca, a futura Joinville, que vinham se instalando em Curitiba em número significativo. A Lei autorizava o governo a conceder auxílios e subsídios a tais imigrantes, para custos de viagem e outras despesas. Àqueles que se declaravam de acordo em participar da construção de estradas, dava-se preferência especial. Além disso, o governo prometia assegurar o bem-estar desses novos colonos.

Antes mesmo dessa Lei, formaram-se alguns centros menores de imigração européia: uma colônia de alemães da Bavária e da Bukowina, no ano de 1829, em Rio Negro; a colônia Teresa, uma fundação do médico belga Maurice Faivre, em 1847 e uma colônia de suíços, franceses e alemães, em 1852, em Guaraqueçaba.

Perret-Gentil partiu, nos seus planos, da consideração de que o novo governo do Paraná deveria escolher a cidadezinha de Curitiba para sede do governo. Estava situada quase como São Paulo, no alto da Serra, e iria necessitar de um porto, como o tinha São Paulo, em Santos. Este

porto só poderia estar situado na baía de Paranaguá. É verdade que o porto pescador que lá existia não era utilizado por navios maiores por causa da altura rasa das águas da baía e pela presença de numerosos bancos de areia, que freqüentemente mudavam de lugar.

Perret-Gentil dirigiu, pois, sua atenção, à península de Superagui, situada na entrada da baía, e à ilha das Peças, ambas ligadas entre si pelo canal de Superagui, que parecia o local ideal para o estabelecimento de um porto.

A primeira notícia que temos de Superagui veio através de Hans Staden, um marinheiro de um navio espanhol, que enfrentou uma tempestade violenta durante uma viagem a La Plata, em 1549 e escapou, como por milagre, desembarcando no canal de Superagui através da Barra, como era chamado o formidável banco de areia existente na entrada da baía.

Toda a região entre as correntes de água do Superagui e do Ararapira, aparentemente fora entregue pela Coroa Portuguesa como sesmaria a um certo Diogo Unhate, no ano de 1614. Mais tarde, passou à propriedade da Companhia de Jesus, que tinha se estabelecido em Paranaguá. Retornou ao Estado depois da expulsão dos jesuítas, mudando depois, várias vezes, de proprietário. Perret-Gentil adquiriu a propriedade, por ato notarial, no dia 14 de janeiro de 1852, do inglês David Stevenson e de sua esposa Jacinta. Atuou como tabelião Joaquim José de Castro e o documento foi legalizado pelo Consulado Geral da Suíça, sendo assim absolutamente correto o título de propriedade.

A região prevista para a colonização tinha uma extensão de 35 mil hectares e podia ser dividida em três partes, de acordo com as diferentes características geográficas: uma estava situada no continente e compreendia um terreno montanhoso, nas faldas da Serra do Mar; a segunda era a península propriamente dita, separada da primeira pela baía dos Pinheiros e pelo canal do Varadouro; a terceira, formada pela ilha das Peças e mais algumas pequenas ilhas.

Sobre esta importante aquisição, Perret-Gentil explicou à Confederação Suíça, em relatório de 1º de fevereiro de 1852, que tinha decidido por essa compra depois que se frustraram todos os esforços no sentido de formar, na Suíça, uma autarquia para tratar especificamente dos assuntos da Colonização, assegurando aos emigrantes suíços conselhos seguros e apoio firme. No relatório, menciona que já viviam na propriedade 8 suíços e 50 famílias brasileiras, num total de 244 pessoas(5). A presença dos brasileiros iria ser de grande utilidade, porque estavam familiarizados com as características do solo e do clima. Sabiam, ainda, o que poderia ser plantado e para que serviam as diferentes espécies de madeira existentes na floresta. Além disso, estavam capacitados para o trabalho nas roças e plantações, e habituados a isto.

Eles poderiam dar aos novos colonos muitos conselhos e estes, assim, não se sentiriam mais isolados e poderiam acostumar-se com mais facilidade. Perret-Gentil iria, logo, entregar os negócios do Consulado Geral a outra pessoa e atender pessoalmente sua propriedade(6).

Perret-Gentil tinha aproveitado sua última viagem à Europa para fazer bastante propaganda de seu projeto em Superagui. Um sacerdote amigo dele, de nome J.L. Moré, tinha compilado, a seu pedido, uma exposição extensa, sob o título de "Le Brésil on 1852 e sa colonisation future", da qual se pode ter uma boa imagem dos planos do colonizador(7).

Aparentemente, Perret-Gentil tinha feito um projeto geral para a divisão da colônia, no qual estava previsto o estabelecimento de uma cidade e de várias aldeias. Os primeiros cem terrenos da cidade planejada seriam entregues a preços preferenciais, sob a condição de logo construir. Preços mais vantajosos ainda oferecia para aqueles que, próximos à cidade, queriam estabelecer uma oficina ou uma instalação industrial e assentar-se lá com sua família. Não se pode negar que os planos de Perret-Gentil — examinando-os de perto —, ao lado dos interesses comerciais próprios, também levavam em conta aqueles interesses dos colonos e que poderiam facilitar o estabelecimento de alguns recém-chegados que não tinham dinheiro. Assim, foi prometido que, para aqueles que desejavam trabalhar primeiro para o proprietário da colônia, seria reservada uma parcela de terreno. Quem pagasse todas as despesas da passagem e ainda dispusesse de dinheiro líquido para a manutenção até a colheita, poderia receber terrenos em prestação, isto é, parcelas de 7,6 ha de solo montanhoso fértil, por 40 francos a "pose de Lausanne" (45 ares), ou 15 ha na planície por 60 francos. Para artífices e industriais, na proximidade da futura cidade, ou das aldeias planejadas, parcelas de 3,3 ha por 30 francos a "pose". Os casais que, logo depois da chegada, queriam tornar-se proprietários, poderiam adquirir, por pagamento a vista, por 1.000 francos, 15 hectares de terra já parcialmente roçadas. Este número estava limitado às primeiras 150 famílias.

Para a construção da igreja e da escola, o terreno necessário foi colocado à disposição, gratuitamente, da mesma forma que as casas dos sacerdotes, dos professores e dos farmacêuticos-médicos. Cada aldeia teria uma pastagem para uso comum. Cada um poderia vender seus produtos — uma determinação importante — a quem, onde e quando quisesse. Somente para as mercadorias básicas, como café, açúcar e arroz — e o preparo deles — o fundador da colônia reservava-se o direito de preferência. Na divisão das parcelas deveria ser considerada uma distribuição favorável de água, da mata, dos pastos e da terra para as plantações. Também era mencionado que artífices, como pedreiros, carpinteiros e construtores de carroças, etc., poderiam contar logo com trabalho lucrativo.

Uma rede inteira de agências brasileiras e européias foi colocada à disposição para alistamento e transporte de imigrantes(8). Em Genebra, a casa bancária particular Georges Melly Robert & Co. colaborava com Perret-Gentil. Ele participava financeiramente do empreendimento de colonização e denominava-se, num prospecto de 13 de março de 1856(9), co-proprietário da colônia Superagui. A casa bancária tinha, demais, num prospecto anterior, do ano de 1852,

anunciado sua participação e sua incumbência, e tinha publicado o plano de fundação de uma cidade com porto em Superagui.

Como a evolução deveria mostrar, todos estes esforços não tiveram um êxito digno de nota. Nisto, também a transferência do fundador para Superagui, e o estabelecimento de um irmão do sócio Melly na ilha do Pinheiro, não mudou mais nada. Através de uma circunstância feliz, temos um relatório curto sobre ambos por um testemunho ocular. No ano de 1858 chegou lá um jovem de Leipzig, o pintor de plantas e futuro lingüístico Julius Platzmann(10), que morava temporariamente na casa de Melly na ilha do Pinheiro. Logo depois da chegada, fez uma visita a Perret-Gentil, provavelmente em agosto de 1858, e escreveu a respeito: teria encontrado o diretor na sala de recepção onde as paredes eram adornadas com sabres, lanças e fuzis. Numa grande dependência havia várias máquinas. "O estabelecimento há de impor respeito a qualquer um que se dê ao trabalho de emitir uma opinião em meio às dificuldades vencidas. O respeito pela força criativa do espírito do fundador e pelos braços vigorosos de colaboradores fiéis".

Não é difícil estabelecer, com certeza, a data exata da transferência de Perret-Gentil para Superagui. É possível que tenha vindo acompanhado de um jovem suíço de Vevey que, no dia 1.º de janeiro de 1854, assumiu lá uns encargos cujos destinos serão relatados em seguida.



**I - William Michaud de Vevey: juventude, emigração
e peregrinação pelo Brasil**

William Michaud nasceu em Vevey, no lago de Genebra. A vilazinha, pitorescamente situada, orgulhava-se de seu passado histórico. O cultivo da uva, a agricultura e o comércio eram a base da prosperidade de seus cidadãos. Numerosos edifícios antigos são, até hoje, testemunhas gloriosas de seu passado civil e eclesiástico.

Um destes edifícios, o "Chateau", na Rue d'Italie, era o lugar onde William chegou à luz do mundo no dia 21 de junho de 1829. Seu pai, Henri Michaud, descendia de uma família antiga em La tour de Peilz(11), onde seus antepassados ganharam a cidadania. Após o casamento com Louise Baer, de Arau, ele transferiu-se para Vevey e lá ganhou respeito geral, graças à sua capacidade e, pelo favor dos tempos, uma prosperidade segura, que lhe permitiu adquirir uma propriedade vistosa, próxima ao lago. A casa, anteriormente, fora sede da administração regional de Berna, nos tempos da ligação de Vevey e Berna (até 1798), motivo pelo qual o edifício tinha recebido a denominação de Chateau(12). A grande estima geral que o comerciante e mercador de vinho tinha conquistado, pode ser avaliada pelo fato de que, por ocasião do registro de seu segundo filho nos livros de batismo, foi designado como "officier de la cavallerie"(13).

Guillaume Henri, na família sempre chamado William, era o mais velho dos 8 filhos e recebeu uma educação cuidadosa. Cedo foi mandado à escola primária, perto da casa paterna e em seguida ao colégio, construído há pouco, no ano de 1838. Com o diretor do colégio, August Colomb, aprendia francês e história; com o professor de desenho, Gottlieb Steinle, o desenhar clássico.

Como ele mesmo confessou mais tarde, não era um aluno especialmente aplicado, apesar de ter — ou justamente por ter — um grande talento. Seu maior interesse, seu amor, dedicava ao desenhar e já bastante cedo manifestou um talento muito especial para o desenho e a pintura(14), junto com uma capacidade excelente de observação e um amor inato pelas belezas da natureza de sua privilegiada terra. Em 1848 foi mandado para Herzogenbuchsee. A estadia lá deveria servir para melhorar seus conhecimentos da língua alemã, dos quais precisava para a profissão de comerciante. Se ele freqüentava o colégio de lá, não sabemos com certeza, mas nas suas cartas posteriores ele recorda com prazer a família onde residia.

Assim, os anos de adolescência de William passaram-se num meio de burguesia elevada, em casa paterna, sem preocupações. Mais tarde, escreveu que em casa sempre havia de tudo, "in hülle und fülle" (abundantemente). Ele era o predileto declarado da mãe e a alma sensível do rapaz sofreu um duro golpe quando esta senhora, tão amada, faleceu depois de uma dolorosa doença. Ela morreu no dia 19 de agosto de 1844(14A), com 40 anos.

Este golpe do destino oprimiu-o tanto mais que a afeição do pai não se dirigia a ele, que era o mais velho e o herdeiro natural dos negócios paternos, mas ao irmão Jules, três anos mais jovem. Numa de suas cartas, ele mencionava, não sem amargura, que seu irmão podia obter tudo que quisesse do pai, enquanto que, para ele, não sobravam nem tostões para empreender uma viagem ao interior da Suíça ou um passeio às montanhas.

Michaud tinha apenas 15 anos quando perdeu a mãe mas conservou memória viva dela até uma idade bem avançada. Certa vez escreveu a sua irmã Emma que a perda precoce da mãe reforçou nele a resolução de sair da casa paterna e emigrar ao Brasil. Em Vevey, não era raro que alguém saísse pelo mundo afora. No ano de 1801, por exemplo, 17 famílias de Vevey e das circunvizinhanças tinham emigrado para a América do Norte. Tinham fundado, em Kentucky, a colônia New Vevey. Os tempos de miséria, citados acima, também aí deixavam suas marcas e a febre migratória alcançou as margens do lago de Genebra. Não eram poucos os que procuravam a sorte no Brasil. Os relatos daqueles que obtinham sucesso por lá e especialmente o programa de colonização de Perret-Gentil, que tinha parentes em Vevey, estimularam de novo a vontade de emigrar.

O comerciante Charles Pradez, que trabalhava no Rio de Janeiro, passou uma parte de suas férias na Europa e especialmente na sua cidade paterna. Ele era autor de vários manuscritos⁽¹⁵⁾ que se ocupavam do problema da emigração para o Brasil. Várias vezes ele reuniu-se com o pai de Michaud, quando também tratavam do futuro do filho. Pradez encontrou o jovem em Herzogenbuchsee e achou ouvidos dóceis quando aconselhou-o a vir ao Brasil e ainda mais porque estava cada vez mais afastado do pai. Um outro estímulo foi que um amigo de infância, o jovem Henri Doge, de Vevey, já tinha resolvido emigrar. E isto ocorreu da seguinte maneira: Pradez tinha recebido de um grande fazendeiro brasileiro a incumbência de procurar um especialista na criação de bicho-da-seda, que era bastante incentivada, naquele tempo, pelo governo imperial. Negociações promissoras com um certo Chavannes, em Lousanne, finalmente malograram. No lugar dele, entrou depois o jovem Henri Doge que, por sua vez, propôs a seu amigo William Michaud que viesse junto e com ele trabalhasse. A proposta foi aceita, tanto mais que, aparentemente, o plano não encontrou a resistência do pai.

Assim aconteceu que William, no dia 20 de outubro de 1848, deu à sua irmã mais velha, casada em Zofingen, a notícia surpreendente de que, já em 6 ou 7 de novembro, ele partiria para o Brasil, "parmi les crocodiles et les serpents"! Ele conta também, já a respeito dos presentes: do pai uma espingarda de caça e duas pistolas, do padrinho uma ordem de pagamento de 200 francos, pagável no Rio de Janeiro, da tia Deblue (que teria desmaiado ao receber a notícia), um canivete, lenços, meias e alguns Louis d'or, enquanto a senhora Perret teria contribuído com um saco de dormir para sua equipagem tropical. E agora que o plano começava, ele acrescenta uma

frase para seu irmão: "pour peut-être jamais te revoir", não adivinhando que esta previsão infeliz se tornaria realidade.

Normalmente, o caminho para os emigrantes suíços, naquele tempo, seguia via Le Havre, e é interessante o que o agente suíço e comissário da emigração escreveu no dia 25 de fevereiro de 1849, aconselhando aos emigrantes: a bagagem deveria ser despachada em tempo e isto apenas com o peso admitido pelo Correio e pela companhia de navegação. Também devia-se levar dinheiro suficiente, de preferência cheques bons, para o país de destino. Mas as autoridades competentes do Cantão deveriam providenciar também um estoque de notas francesas de 500, 200 e 100 francos, porque seria difícil providenciar ouro, e prata seria de manuseio difícil. A viagem de Basileia para Le Havre custava mais ou menos 60 francos. Até Paris viajava-se com o Correio, chegando lá no segundo dia, podendo-se pernoitar no hotel "Zur Stadt Zurich" (Cidade de Zurich). E no dia seguinte era possível seguir viagem por trem. Em Le Havre recomendava-se o hotel "Zur Stadt Basel" (Cidade de Basileia). Ou, para passageiros com exigências maiores, o "Urso Branco", o "Sol" ou a "Stadt Hamburg" (Cidade de Hamburgo).

Antes do embarque, o passageiro deveria providenciar, para a viagem longa, que geralmente durava 50 a 60 dias, os víveres necessários, vasilhas e lençóis, caso não se contentasse com a cozinha de bordo, a "norrature de l'équipage" e pagar um suplemento para isto.

Naquele tempo, a navegação a vapor só raramente era usada para a emigração. Já para economizar, viajava-se de navio à vela. Todavia, uns poucos anos depois, já partiam de Le Havre, duas vezes por mês, e de Southampton no dia 9 de cada mês, navios a vapor com destino ao Rio de Janeiro. A viagem durava de 18 a 20 dias. Nos navios à vela, a viagem custava, nos camarotes grandes, com alimentação na mesa do capitão, 400 francos, devendo-se pagar separadamente a comida, a roupa e bebidas. Os passageiros de convés pagavam 230 francos pela passagem, inclusive a alimentação da tripulação. Com uma suplementação de 20 francos, tinham acesso aos salões do dia.

William Michaud e seu companheiro viajaram rotineiramente até Paris com o Correio e após alguns dias de estadia para visitar a cidade, com o trem até Le Havre. A partida do navio, entretanto, havia atrasado, de forma que os dois jovens viajantes, somente em meados de novembro, conseguiram embarcar no veleiro "Achille", sob o comando do capitão Lambert. A travessia, bastante tempestuosa, durou 72 dias. Num álbum que tinha levado, William tentava fixar as variadas impressões e acontecimentos que lhe ocorreram desde o início da viagem, com anotações e ilustrações. Infelizmente, este diário de viagem que William mandou ao pai logo após sua chegada, aparentemente não foi conservado.

No dia 1º de fevereiro de 1849, "Achilles" chegou ao ancoradouro de Fort Villegagnon. Na manhã seguinte, após a visita de autoridades sanitárias e da alfândega, os imigrantes puderam pôr o pé no chão da terra da promessa. William tinha chegado a seu ponto de destino. Jovem e empreendedor como era, reprimia corajosamente todos os momentos melancólicos e não lhe ocorreu a idéia de que nunca iria ver a terra natal, seu pai, seus irmãos, as vinhas de Vevey e o lago querido.

A colônia suíça no Rio de Janeiro — naquele tempo uma cidade de 200 mil habitantes — contava, conforme o relatório do Cônsul Geral ao governo da Confederação Suíça do ano de 1849, 400 pessoas. Era de se supor que os recém-chegados logo foram bem recebidos. Como William escreveu a seu pai, na data de 12 de março, Charles Pradez, que tinha dado o principal impulso para sua emigração, alegrou-se ao rever seu jovem compatriota. Os irmãos Decosterd, sócios da firma Gex & Decosterd Frères, ofereceram ao jovem bem educado, cordial hospedagem em sua casa de campo, situada fora da cidade, na praia da baía de Guanabara. Também pôde rever e saudar outros compatriotas.

No primeiro dia, tinha se surpreendido, como escreveu para casa, com o movimento da cidade e, especialmente, com a grande quantidade de negros. Sentiu-se logo em casa e, como poderia ser diferente se, na companhia de compatriotas, não poderia lhe ocorrer aquela sensação de desamparo completo que acomete todo viajante, quando chega a um país completamente estranho?

Mal William tinha se familiarizado com a vizinhança completamente nova e já pôde dar vazão a suas jovens ambições. Com Henri Doge, encaminhou-se a uma fazenda em Jacarepaguá, para levar saudações da terra natal a um valeziano de Iverdon, chamado Rosset. Os dois, naturalmente, não tinham idéia sobre o que significava fazer a pé um caminho tão longo, sob o sol tórrido do superverão brasileiro. A beleza esplêndida do mundo vegetal tropical, que superava qualquer imaginação, as árvores gigantescas enlaçadas por trepadeiras e brilhando com suas flores flamejantes, a elegância da palmeira, em espécies muito variadas, os graciosos bambus, os arbutos latifolios das bananeiras... À direita e à esquerda da estrada, as pequenas casas dos nativos destacavam sua brancura, de modo bonito, no verde vivo da vegetação. Tudo isso embriagava a mente artística dos dois viajantes e tornava mais fácil vencer as asperezas do longo caminho. Confortados pelos nativos com hospitalidade cordial e informados a respeito do rumo de maneira atenciosa, eles chegaram à noite, a seu destino, completamente esgotados.

O compatriota, já idoso, tinha deixado a terra natal três décadas antes, por desgracia de família. Ele possuía uma bonita fazenda, com uma grande plantação de café, cultivada por 30 escravos e acolheu os hóspedes de braços abertos. Henri Doge teve que partir dois dias depois

mas William pôde gozar, por quase 3 semanas, da hospitalidade de Rosset, tempo em que recebeu ensinamentos variados a respeito das plantações mais comuns no Brasil e que, mais tarde, foram de grande utilidade para ele.

Entrementes, Henri Doge iniciava contatos com os compatriotas da colônia Cantagalo e em outras colônias do vale do Parnaíba. Aparentemente os planos originais foram modificados e ele acabou encontrando uma ocupação, junto com William, na fazenda Palmisal, a 15 milhas do Rio de Janeiro, perto de Ihaguai. O proprietário, de nome Tavares, tinha decidido iniciar uma criação de bicho-da-seda, confiando no auxílio do governo. Doge combinou com Tavares que ele se encarregaria da administração e Michaud seria seu assistente. Este receberia, fora da estadia, um salário de 1.500 francos por ano.

Até que tudo isso ficasse acertado, Michaud trabalhou no escritório dos irmãos Decosterd. Em maio, ele chegou à fazenda. Os cheques do pai e do padrinho tinham prestado bons serviços na aquisição dos equipamentos necessários. Ele escreveu ao pai dizendo que já parecia um verdadeiro brasileiro.

Uns 50 escravos negros trabalhavam na fazenda. Um certo número de italianos, familiarizados com a criação do bicho-da-seda, desde a Itália, foram recrutados como operários especializados. Tratava-se de elementos bastante grosseiros que, nas suas brigas freqüentes, exigiam a interferência da administração.

A experiência acabou em fracasso completo, como se verificou depois de apenas 2 anos. Após poucos meses, já ficou patente que os bichos-da-seda importados da Itália não satisfaziam as exigências das circunstâncias climáticas diferentes do Brasil, e degeneravam. Também as amoreiras necessárias para a criação davam menos colheitas do que acontecia na Itália. Além disso, o auxílio financeiro prometido não chegou, de forma que Tavares ficou devendo a seus empregados. Por isso, 15 meses mais tarde, Michaud estava novamente no Rio, onde Charles Pradez tentava encontrar-lhe uma ocupação, numa casa suíça de comércio.

Numa carta de 24 de maio de 1850, Michaud conta ao pai do malogro na fazenda Palmisal, mas garantia que seu aprendizado não fora inútil porque teria lhe dado a oportunidade de se familiarizar com as condições gerais e climáticas no Brasil. Quanto à saúde, passava muito bem. Teria crescido uma polegada, queimado pelo sol, se bem que um pouco mais magro, pois trabalhara duramente e, ao contrário de seu amigo Doge, desde o primeiro dia tinha se adaptado às duras condições da vida rural.

Esta carta é a última conservada desse primeiro período, pois começava, então, uma vida de peregrinação e isto em regiões remotas do Brasil Central, onde não se podia falar de correio regular(16).

Durante o tempo de espera no Rio de Janeiro, Michaud conheceu um engenheiro francês, geólogo e agrimensor, chamado Vallée, encarregado pelo governo de Minas Gerais e Goiás de proceder a agrimensuras, levantamentos cartográficos e pesquisas geológicas, e que procurava um homem jovem como ajudante, capaz e hábil e que soubesse desenhar um pouco. William Michaud agarrou com ambas as mãos a oferta, pois aqui tinha uma oportunidade extraordinária de conhecer, pelo menos em parte, mais de perto, o interior do Brasil. Durante dois anos — de 1851 a 1853 — ele percorreu, com seu patrão, grandes extensões daquele país, em grande parte ainda não exploradas. Quão profundas eram as impressões que lhe gravaram, pode-se deduzir do fato de que ele, depois de quase meio século, ainda se alegrava com as recordações daquele tempo: as planícies amplas com as montanhas no horizonte distante, as matas imensas nas margens dos rios e as belezas, que ninguém poderia imaginar, nas correntes do rio Tocantins, do rio Parnaíba, do rio Grande, do Paraná, e muitos outros, com os quais nada, em sua terra natal, poderia se comparar.

A relação com Vallée ofereceu muitas vantagens para o jovem Michaud. Mais tarde, creveu que com ele aprendera mais do que em cinco anos no colégio de Vevey. Especialmente, teve oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre Matemática, Geologia e Ciências Naturais. Sob a direção de seu chefe, pôde também desenvolver sua capacidade de desenhar, aproveitando seu talento inato. Vallée pediu-lhe que ilustrasse os levantamentos cartográficos para o governo de Goiás, com desenhos à pena. Estes provocaram tal admiração que o presidente da Província, após a conclusão dos serviços contratados, lhe fez a proposta de que ficasse como professor de Francês e Desenho em Goiás. Michaud, todavia, não aceitou, com esta justificativa: “Receio porque temi ficar só e isolado, sem amigos em meio a um povo imbuído de preconceitos, provavelmente, cometera um erro ao recusar a oferta. O episódio ilustra bem seu caráter honesto e reto: “Com um pouco mais de blague e esperteza, talvez fosse melhor sucedido, mas estes meios sempre me repugnaram”.

Talvez sua vida, mais adiante, tivesse tomado outro rumo mas, com essa decisão, voltou ao Rio de Janeiro.





**II - Viagem para o Sul do Brasil e estabelecimento
na colônia Superagui**

Em meados do século XIX, quando ainda não havia comunicação por trem entre São Paulo e os Estados do Sul, o tráfego para o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul era feito quase exclusivamente por via marítima (17).

A navegação costeira era o meio de transporte relativamente mais cômodo e rápido. No ano de 1850, a firma comercial Ferreira, do Rio de Janeiro, cuidava desta linha e tinha por obrigação manter um navio a vapor em ambas as direções, do Rio a Florianópolis (então Destêrro) e usava para isto quatro navios a vapor. Os dois mais velhos, "Paranaense" e "Catarinense", saíam do Rio e faziam escala nos portos de Ubatuba, São Sebastião, Santos, Iguape, Cananéia, Antonio (no original; provavelmente Antonina, NT) e Paranaguá. De lá seguiam a São Francisco e Destêrro.

Duas embarcações mais novas, "Imperador" e "Imperatriz" — espécie de expressos, muito confortáveis — faziam escala em Ubatuba, Iguape, Cananéia e Paranaguá. Ofereciam acomodações confortáveis e uma mesa com diversos petiscos, como relatou um jovem da cidade alemã de Leipzig que, no ano de 1858, viajou a Paranaguá e depois viveu, durante 6 anos, na baía dos Pinheiros, onde estudou e registrou, em desenhos, o mundo vegetal tropical. O jovem Michaud, 4 anos antes, provavelmente viajara em um navio mercante.

Para nossa informação, é uma feliz coincidência que os dois jovens, quase da mesma idade — Platzmann de Leipzig, da beira do Elster, e Michaud, da beira do lago de Genebra — tenham vivido na baía de Paranaguá na mesma época. Assim, as descrições da natureza que saem da hábil pena de Platzmann, oferecem a possibilidade de conhecer a disposição na qual provavelmente encontrava-se Michaud ao pôr o pé na colônia Superaguí. Ambos, a partir do primeiro momento, foram subjugados pela extraordinária beleza da paisagem.

Com palavras entusiasmadas, Platzmann descreve a ilha do Pinheiro, na qual morava, que estava localizada na frente da costa, onde Michaud tinha encontrado sua nova terra: situada no meio da baía, "circundada por altas montanhas cobertas de mata para onde quer que a gente olhe. Espalhando-se pelo azul profundo das águas, esta poderosa solidão trazida pelo milenar crescimento da mata virgem".

"Oh! se você pudesse ter sido testemunha dessa primeira manhã!", escreve Platzmann ao pai: "O vento que sopra da terra tudo limpou. As montanhas lateralmente batidas pelo sol, elevam-se na luz matutina. O murmurar d'água, o sibilar das folhas das palmeiras, o cricri dos grilos, vozes de pássaros nunca antes ouvidas, tantos sons não costumeiros bateram a meus ouvidos! Colibris brilhantes como ouro voavam ao redor das flores das laranjeiras. Pombos arrulhavam na

sombra das copas das árvores. Ibis brancos aproveitavam a presa na beira da água”.

“Quando o sol se levanta por cima da paisagem sempre verde da mata que, mergulhada nos perfumes úmidos, encontra sua imagem em espelhos de água, e chega então a manhã aos picos das montanhas cobertas de mato, aí se percebe o valor tão grande de ser jovem e sadio, em tais vizinhanças, pois todas essas matas e montanhas estão abertas para você a qualquer hora. O barco esguio leva-o sobre as águas azuis, deslizando através de todas as sinuosidades dos mais estreitos canais, cujas águas cristalinas abobadadas de ambas as bordas, passando sobre areiais dourados, não são aquecidas pelos raios do sol. Quase todo o esplendor dos trópicos, com as suas palmeiras, suas folhagens gigantescas penduradas nas árvores, suas flores e frutas maravilhosas, estão presentes no ânimo alegre pela beleza da manhã. Sim! Existe uma liberdade que, neste Brasil jovem, é duplamente preciosa: possibilidade de evitar tantas influências distonantes e deixar a mente livre delas. Feliz aquele que sabe criar para si mesmo: para ele tudo é alegria, conforto, prazer”.

E os homens, neste paraíso? Michaud tenta caracterizá-los da seguinte maneira: “Os homens, vivendo na borda da baía e nas matas vizinhas, conservavam para si, longe do tráfego e no seu clima saudável, uma grande ingenuidade, uma magnífica simplicidade e inocência. A gente encontra entre eles figuras nobres, dotadas de elegância, com graça natural. Orgulhosos, desfrutando de uma liberdade e simplicidade ilimitadas, eles são moderados na comida e na bebida, limpos no vestuário e no trato do corpo, sem preconceitos e hospitaleiros com relação a estrangeiros. Os homens, em geral, ocupam-se da pescaria, enquanto as mulheres e as crianças tratam do serviço em casa e no campo.”

De forma semelhante, também Platzmann descreve os habitantes de Superagui e Sebastião Paraná diz: “Para o homem simples de lá, o horizonte que ele vê do lugar de sua cabana primitiva, coberta de palha, é o limite do mundo. O que foi ontem, é esquecido. O que será amanhã, nisto ele não pensa. Seu violão traduz suas horas sombrias e alegres. Supersticioso e religioso ao extremo, ele todavia não exagera suas orações e a veneração de seus santos e pronuncia com dedicação sincera o nome de Deus, seu benfeitor”.(18)

O jovem Michaud, com seus apenas 25 anos, foi tão afetado pelas impressões que recebeu, de um lado pela natureza majestosa da paisagem, de outro lado, pelos homens de Superagui, com sua naturalidade e simplicidade e, quase pode-se dizer, por sua humanidade natural, que se deixou dominar pelas mesmas, aparentemente sem grande resistência. Seu destino apareceu na pessoa de uma moça, uma meio-órfã, de condições as mais pobres que se poderia encontrar naquele tempo: Custódia Amerigo! Casou-se com ela ainda no mesmo ano de 1854. Já no ano seguinte, nasceu a primeira criança, à qual seguiram-se, nas duas décadas seguintes, mais 8. A primeira recebeu da falecida mãe, nunca esquecida, o nome de batismo, Marie Luise.

Com este passo importante, carregado de conseqüências, Michaud praticamente rompeu com o passado, entrando em um novo meio social, completamente diferente de seus anteriores(19). Em sinal da seriedade, da nobreza e da honestidade com que conduziu sua vida, em nenhum momento pensou em fugir das conseqüências de seu relacionamento com Custódia, como teriam feito muitos outros jovens, em situação semelhante, num país estranho. Esta ligação matrimonial foi o verdadeiro e decisivo motivo que determinou, a partir de então, sua permanência naquele lugar remoto para o resto de sua vida, durante quase meio século. Nunca, entretanto, deixou transparecer em suas cartas aos irmãos, nem com uma única palavra, que se arrependia de sua determinação. Ao contrário, até afirmava, com consciência tranqüila, que Custódia substituíra, para ele, a mãe tão precocemente perdida. Para ele, Custódia era uma companheira leal e fiel, com quem partilhava honestamente as alegrias e os sofrimentos, as fadigas e privações, trabalho e pobreza, e também os raros raios de um sol mais amigável.

Michaud, agora, não poupa esforços no sentido de adquirir, para si e para a família, o mais depressa possível, um pedaço de terra para fundamentar de modo mais firme o seu lar. As pequenas economias provenientes de seu trabalho com o engenheiro Vallée e, provavelmente, também a benevolência de Perret-Gentil, tornaram isto possível. Numa petição dirigida ao governo, em Curitiba, em 1856, Perret-Gentil menciona que, para facilitar, também para as pessoas humildes, o acesso ao projeto de colonização, em Superagui, vendia terrenos de 10 a 15 mil braças (entre 5 e 7,5 ha), ou concedia o aforamento. O comprador ou “foreiro perpétuo” comprometia-se a pagar um tributo anual correspondente a 5% do preço de venda combinado. Mas poderia, a qualquer momento, comprar o terreno, tornando-se proprietário. Pode-se supor que Michaud fez uso desta facilidade.

Nos primeiros anos de casamento, com freqüência, na casa deles, a mesa era escassa. Mais tarde (1883), Michaud escreveria abertamente que a vida nada lhe tinha dado de presente. Passara por toda a espécie de privações e doenças e freqüentemente faltara-lhe o mais necessário. Mais de uma vez, não havia em sua casa uma só moeda de dinheiro líquido. Mas, junto de Custódia, sempre suportaram as dificuldades, encorajando-se mutuamente e alimentando honestamente a numerosa família. Graças à perseverança e tenacidade deles, pouco a pouco conseguiram melhorar a situação econômica da família. É duvidoso que, para esta melhora, tivesse contribuído qualquer ajuda financeira da pátria. Michaud deveria ter recebido, é verdade, a parte a ele designada depois da morte do pai, em 1864. Segundo o testamento, sua parte seria de 20 mil francos(19), uma fortuna respeitável, comparada com a situação de pobreza em Superagui. Várias circunstâncias indicam, contudo, que surgiram — ou foram criadas — dificuldades para o recebimento da herança, provavelmente através do irmão, o herdeiro principal. Conforme a imagem que podemos fazer do caráter de Michaud, não pode ser afastada a possibilidade de que ele nada queria aceitar de seu

irmão. Ou que ele teria renunciado à herança, em favor dos irmãos.

A propriedade Michaud abrangia uma faixa de terreno que se estendia da costa do canal, por cima das montanhas, até a planície do litoral. Dois grandes dorsos de montanhas, o morro Barbados, cobertos por mata densa, depois do desmatamento foram destinados à plantação(20). O rio Fundo abastecia a propriedade com água. Como já insinuava o nome, podia acontecer, na estação chuvosa e nas chuvas torrenciais que quase sistematicamente acompanhavam as tempestades tropicais, ser transformado num ribeirão impetuoso. A terra do outro lado do morro oferecia espaço para uma pequena pastagem e, nas partes pantanosas, para a tão importante plantação de arroz.

Assim, William Michaud virou um pequeno agricultor. Ele, filho de pais bem situados que, na sua pátria, poderia ocupar um cargo público e, seguramente também, em circunstâncias mais favoráveis, uma posição de vida respeitada no Brasil, terra que, quando jovem, tinha buscado como "país da promessa" com planos e grandes esperanças. Já na fazenda Palmisal, ele habituara-se à vida dura do campo. Nas andanças cansativas em Minas Gerais e Goiás, sua saúde tinha se fortalecido e agora valia literalmente o que Platzmann escrevera ao pai: "Seria impossível dar ao europeu mal acostumado uma noção do tipo de vida na floresta virgem, onde até os mais simples alimentos, como leite, manteiga e pão, faltavam freqüentemente. Mas o corpo adapta-se às privações, que até o fortificam! Quando se vence a fase de transição e já se é suficientemente forte para agüentar tão duras privações, então corpo e espírito começam a tirar forças do orvalho das noites, do retumbar das tempestades, da fadiga dos braços e das pernas. Os pulmões estão respirando de forma mais profunda na sombra úmida da floresta. Os músculos estão fortalecidos. Trabalha-se com cuidado, come-se com apetite, o que na ocasião se oferece e dorme-se excelentemente!"

O clima de Superagui era, com razão, descrito como saudável nos escritos de propaganda de Perret-Gentil, semelhante ao da Europa na primavera tardia ou no outono precoce, sempre refrescante. Ventos frescos da serra e do mar. O mar e a floresta agiam de forma refrigerante. Se, porém, o tempo se tornava asfixiante e abafado, então se aglomeravam com grande regularidade e freqüentemente com rapidez surpreendente, nuvens e trovoadas no céu, para se descarregarem acompanhadas de tempestades violentas, espalhando depois uma frescura agradável.

Michaud fazia tudo, nos anos seguintes, para possibilitar à sua família, que se tornava cada vez mais numerosa, uma vida digna. No início tinha que se satisfazer, como era hábito na península, com um rancho de paredes de galhos trançados com argila, coberto de folhas de palmeira. Trabalhava-se incansavelmente para implantar, no lugar da mata virgem, lavouras. A agricultura no Superagui era praticada

com os mesmos métodos primitivos que ainda hoje estão em uso, quando grandes áreas de mata se encontram à disposição. Cortava-se um pedaço de mata, queimava-se e após algumas semanas roçava-se e, em geral, em meados de agosto, plantava-se no solo virgem que, no início, é de uma fertilidade quase inimaginável e tudo o que se queria, dava. Naturalmente, primeiro o necessário para a vida de cada dia: feijão, cozido principalmente com carne seca, o prato nacional que não poderia faltar em nenhuma refeição no Brasil. Depois arroz e especialmente milho, para o pão de cada dia e como alimento para as aves domésticas e porcos. Além disso, a mandioca, planta bulbosa que é transformada em farinha e torrada com banha e acrescentada como fonte nutritiva a muitos pratos.

Respondendo a uma pergunta de seu irmão sobre a forma como sustentava sua família, Michaud poderia dizer-lhe, mais tarde, que realmente não era fácil alimentar uma família numerosa. Felizmente, porém, as despesas eram baixas. A plantação própria fornecia café, açúcar, alho, pimenta, farinha, verdura de toda espécie, milho, feijão, arroz, frutas como laranja, limões, banana, melão d'água e de árvore, ananás e abacaxi e outras frutas tropicais, em quantidade e variedade abundante. O mar ajudava com a sua riqueza inesgotável de peixes de toda espécie, camarões e caranguejos. Especialmente, havia um sem número de ostras deliciosas. Tudo isto exigia apenas o trabalho de captura. De forma semelhante acontecia com os animais, para quem gostasse de caça. O veado, o porco do mato, o tapir, a cotia (ou assim chamado coelho-porquinho), a capivara (o porco d'água) e a paca, um meio coelho do tamanho de um texugo que ainda hoje é a melhor caça do Brasil. De aves dos bosques, existiam em Superagui diversas espécies de galinhas do rio, o pato (cruzamento entre ganso e marreco), de uma fertilidade imensa, o jacaguaçu, com sua penugem salpicada de branco e com o bico azul, comparável, quanto ao sabor, ao faisão europeu e, quanto ao tamanho, mais ao peru. Michaud tentava também a cultura de árvores frutíferas e de verduras existentes na pátria. A cultura das últimas, porém, somente era possível nos meses mais frios, ou seja, de abril até agosto. E, além disso, pouco promissoras, por causa das muitas pragas. Especial cuidado Michaud teve, mais tarde, com cultura da uva, que deu boas colheitas nos declives do morro Barbados. Assim, em relação aos víveres, somente a carne seca que, naquele tempo, como ainda hoje, era importada do Rio Grande do Sul e da Argentina, precisava ser comprada.

Assim, o sustento ficava garantido com a produção das primeiras lavouras, cuja extensão deveria ser adaptada ao número de pessoas disponíveis para o trabalho. Mais tarde, as áreas cultivadas aumentaram progressivamente porque era preciso pensar na entrada de dinheiro líquido em casa, pela venda de produtos da terra. As encostas montanhosas do lado não voltado para o oceano eram apropriadas para a cultura do café, mas, lembrando-se das vinhas da pátria, Michaud mais tarde não poderia resistir à sedução, como mencionado há pouco, de imitar o

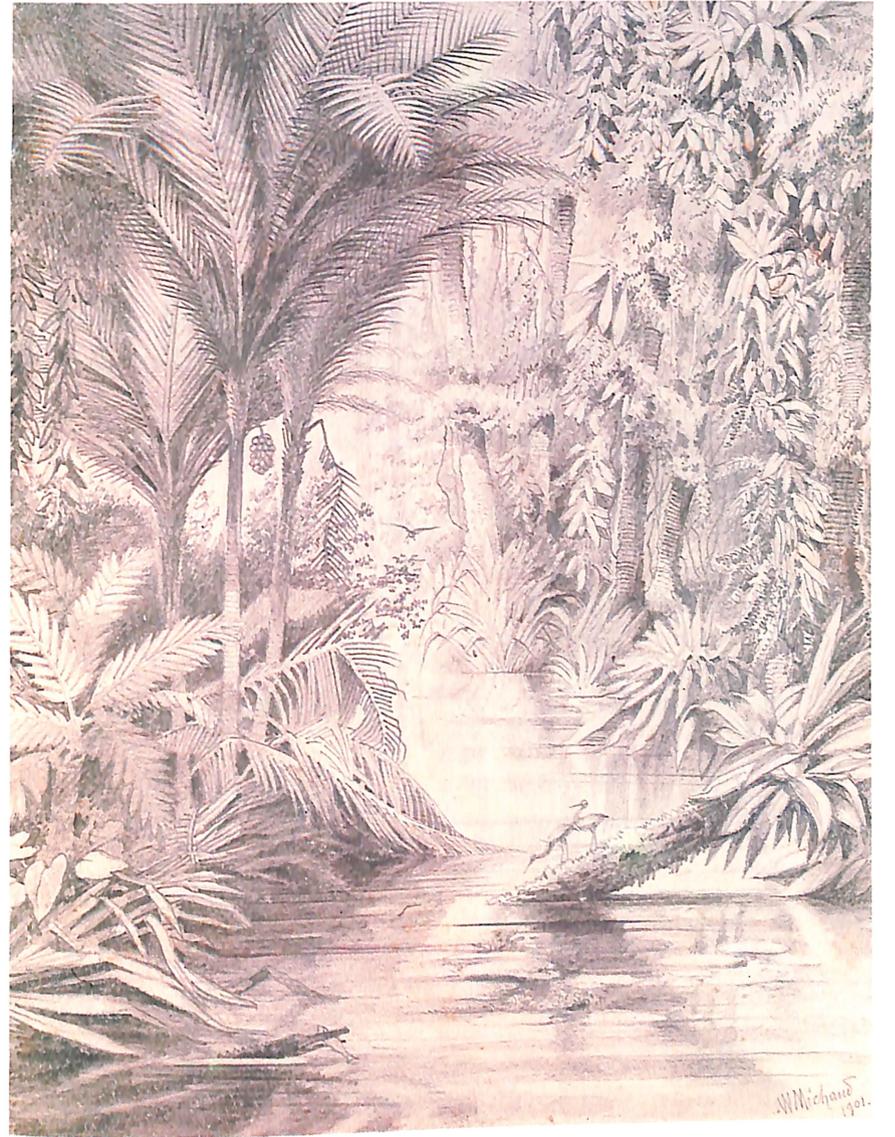
exemplo de seu vizinho, o alsaciano Sigwalt, dedicando-se à vinicultura. Chegou a ter 1.600 videiras e dizia com orgulho que o vinho ali produzido poderia ser denominado "petit Bordeaux", e que não era inferior àquele de Vevey. De fato, num relatório oficial à Assembléia, de 31 de março de 1877, pode-se ler o seguinte: "O vinho que se produz na colônia (de Superagui) tem tido boa aceitação nesta capital".

Também o café de Superagui era de boa qualidade e era comprado de bom grado em Paranaguá e todo litoral. "O café é de boa qualidade e muito procurado no mercado do litoral". E do mercado de café dependia, essencialmente, a possibilidade da família, uma vez que, naquele tempo, como ainda hoje, era a base mais importante da economia nacional. A história dessa *monocultura é, em muitos sentidos, uma história de sofrimento e assim o foi também naquele mais meridional território de cafeicultura, em Superagui. Michaud sempre relatou nas suas cartas a evolução da plantação, a benevolência ou malevolência do clima, a florescência, a colheita e principalmente as altas e baixas do mercado. Um exemplo característico* Michaud dá nos anos de 90. No dia 14 de dezembro de 1890, ele escreve que a arroba (igual a 15 quilogramas) de café cru teria alcançado o preço até então nunca visto de (convertido) 53 francos suíços. A alegria dos colonos era tanto maior porque o café, naquele ano, tinha florescido três vezes e, em consequência, deixava prever, para o ano seguinte, uma colheita recorde. Cinco anos depois, no entanto, escreve que nos 4 anos passados quase não teria dado uma colheita por causa das constantes intempéries! Para completar a desgraça, também não teria dado vinho, e isto em consequência de uma seca duradoura e inusitada, de forma que Michaud podia aplicar a frase em tais casos usada na pátria: "Adieu, paniers, vendanges sont faites!" Tempestades furiosas causavam, além disso, grandes estragos. Em contrapartida, no ano de 1901, havia de novo uma grande colheita de café. Os preços, porém, tinham baixado de uma tal maneira que mal compensavam o custo da colheita e da secagem. E até o café colhido não tinha preço.

Assim sobreveio grande miséria porque, além do café — e aqui e acolá, um pouco de vinho — não havia outro produto que pudesse dar dinheiro. A única solução era a banana, que era um próspero negócio, geralmente vendida ao atravessador e deste a navios atracados em Paranaguá ou encaminhada, em grandes carregamentos, para a Argentina.

Em Superagui não havia meios de transporte público nem, por longo prazo, vias de comunicação. Só as chácaras vizinhas podiam ser alcançadas por picadas que exigiam freqüentes roçadas das *trepadeiras ou árvores gigantes, caídas da floresta virgem. O tráfego principal era feito por água. Cada colono possuía um ou vários barcos. A única via pública, se é possível designá-la assim, acompanhava a linha de telégrafo de Cananéia até Antonina, mas quase não servia ao tráfego. No ano de 1895, é verdade, foram concedidos os meios para construção de uma estrada de*

Guaraqueçaba até Iporanga e Cananéia, mas o plano nunca foi realizado. O clamor por estradas passou como um traço vermelho por toda a história do Paraná e este problema, ainda hoje, não foi solucionado satisfatoriamente. Em 1873, é verdade, foi construída uma estrada de Paranaguá até Curitiba, obedecendo a uma necessidade indispensável. Mas a região de Superagui é, ainda hoje, tão isolada do mundo como o foi então. A falta de vias de comunicação contribuiu, além de outros fatores, para que caísse aos pedaços, depois do falecimento dos primeiros fundadores, a colônia outrora iniciada com tão grandes esperanças.



Acervo Família Carneiro



III - Michaud e a evolução da colônia Superagui

Entre os participantes do projeto de Perret-Gentil, Michaud era, provavelmente, o único que tinha recebido uma formação e educação de melhor nível. Por isto, a casa dele acabou por tornar-se, especialmente depois da retirada de Perret-Gentil, uma espécie de centro da colônia. Para auxílio da Fundação, nem o governo Imperial e nem, mais tarde, o Republicano, fizeram algo digno de ser mencionado. É verdade que os relatórios de vários presidentes e vice-presidentes do Paraná estavam repletos de observações inteligentes e perspicazes sobre o problema da colonização do Paraná, mas faltavam os meios necessários. Um novo impulso foi dado à política de imigração pelo presidente Alfredo d'Escragnon Taunay, que visitou pessoalmente todas as colônias, fundando associações de apoio aos imigrantes. Taunay foi duramente criticado por seus adversários e defendido por seu sucessor, Joaquim de Almeida Faria Sobrinho que, no relatório de 1886, elogia seu empenho, dizendo que Taunay dedicara ao problema da colonização "as melhores energias de seu espírito superior", seguindo a tradição de seu antecessor, Zacarias de Goes.

Todos os esforços de Perret-Gentil, para conseguir auxílio oficial, não tiveram êxito. O relatório do vice-presidente José Antônio Vaz de Carvahães, de 4 de janeiro de 1857, refere-se a um memorial de 30 de novembro de 1856: a colônia Superagui fazia lentos progressos, apesar das dificuldades quase intransponíveis. Contava com 88 famílias que somavam 403 pessoas. Destas, 348 eram brasileiras e 55 estrangeiras. Naquele ano houve 8 casamentos entre nativos e estrangeiros e 18 partos. As lavouras eram de café, cana-de-açúcar, arroz, algodão e milho. Um engenho produzia açúcar e aguardente. Uma fábrica de tijolos infelizmente estava desativada, por falta de trabalhadores especializados. Para atendimento aos doentes havia uma farmácia e uma enfermaria.

No memorial, Perret-Gentil relata ainda que todo o transporte de pessoas e produtos, dentro da colônia, tinha que ser feito por água e que a longa distância que separava Superagui do centro de comércio de Paranaguá trazia dificuldades, do mesmo modo que a falta de uma autoridade administrativa — especialmente policial — para impedir os numerosos furtos. Mas o que realmente fazia falta era a escola e a igreja que, como demonstrava a experiência de outras colônias, constituíam elementos essenciais para o desenvolvimento de projetos dessa natureza. Perret-Gentil conclui o memorial pedindo um empréstimo por prazo de 10 anos, para atrair novos colonos.

Esta mesma intenção ele repete no relatório de 1860, onde está relatado que Perret-Gentil estava pronto para construir uma igreja e uma escola por conta própria, porque seria de importância decisiva para o futuro desenvolvimento da Fundação.

Três anos antes, no dia 7 de janeiro de 1857, o vice-presidente, ao abrir a sessão da Assembléia, tinha apontado, em declarações detalhadas, a necessidade de organizar e elaborar um

sistema de ensino. No discurso final da segunda sessão do quarto período legislativo, o presidente Antonio Barbosa Gomes Nogueira reconheceu a necessidade de uma escola primária em Superaguí. Mas nada acontecia, nem de um lado, nem de outro. Somente em 1871 há referências a um certo João Francisco de Santana Neves, que seria professor interino em Superaguí, onde estavam registrados 29 alunos.

Isto tudo revela a situação geral do ensino no Paraná. No ano de 1874 existiam, conforme uma estatística oficial, 12.558 rapazes e 12.648 meninas em idade escolar, dos quais apenas 2.558 rapazes e 1.866 meninas freqüentavam escola. E costumava-se dizer, então, que esta situação desesperadora não poderia continuar: "Criar escolas é traçar o caminho do progresso!" Em 1880 havia, para aproximadamente 150 mil habitantes, 116 escolas primárias, das quais 85 eram estaduais e 31 eram particulares e subvencionadas. No total, estavam registrados 3.136 alunos, dos quais somente 2.885 freqüentavam efetivamente as aulas. Não faltavam, portanto, escolas e sim alunos. Era comum que fossem fechadas escolas "por falta de freqüência!".

Em Superaguí, a situação escolar estabilizou-se quando Michaud, em março de 1883, recebeu sua nomeação como professor, por insistência de seu amigo, o fazendeiro dr. L. Ramos Figueira, de Guaraqueçaba. Era uma solução de emergência porque, naquela época, também faltavam professores. Por isto, era costume dizer, não sem razão, que "a principal reforma é a do professorado!" (21)

Michaud aceitou a nomeação, após alguma hesitação, e pressionado por seu amigo, que era encarregado da supervisão do sistema das escolas primárias. No fundo, a nomeação não veio importuná-lo porque, diante da pouca produtividade das lavouras, a pequena renda viera bem a calhar. Ele ficou, então, como estrangeiro, numa singular situação, como escreveu para sua família: nunca recebeu um programa de ensino, manuais ou qualquer outro meio; nunca as autoridades demonstraram interesse por sua conduta; mandava as matrículas de seus alunos e seus relatórios, tentava ensinar leitura, escrita e cálculo e recebia, por tudo isto, o salário principesco de 200 mil réis anuais, isto é, nem um total de 600 francos. Logo depois, fora aumentado para 300 mil réis.

Como não havia, naturalmente, um prédio para a escola, Michaud reunia os alunos em um anexo, de sua propriedade. Os vizinhos manifestaram sua confiança no "professor", matriculando 43 alunos mas raramente, como o próprio Michaud confessa, reuniam-se todos. Às vezes eram 30 e outras somente seis ou sete que chegavam à escola. As colônias estavam situadas ao longo da costa e as duas propriedades mais distantes, a de Sigwalt e de Durieux, ficavam a 12 ou 14 quilômetros uma da outra. Cada aluno vinha com sua própria canoa, que ele sabia conduzir desde criança mas que, com o mar agitado, era perigoso ou impossível.

Em junho de 1888, as aulas tiveram que ser suspensas "por falta de verba", mas começaram em 3 de novembro de 1890. Dois anos depois, em julho de 1892, Michaud perdeu novamente seu cargo, vítima da derrota sofrida pelo governo nas eleições. Naquela época o professor era considerado cabo eleitoral do partido do governo e, em consequência, vítima na derrota. Em 1895, Michaud voltou a ser convidado para o cargo mas, com as experiências passadas, não aceitou, decidido a ficar longe do barulho dos partidos(21).

O mesmo ocorreu com a agência de Correios, que ele tinha aceitado e que, alternadamente, fechava e abria, conforme a "atitude eleitoral" da população nas eleições. Mesmo assim, Michaud acabou aceitando mais uma vez o cargo de professor, em 1898, com quase 70 anos, por falta de um substituto.

Mais um sinal da estima desfrutada por Michaud, foi sua nomeação para Juiz de Paz. Ele tinha que fiscalizar os registros civis e, nas eleições, a presidência da mesa. Do governo Monteiro ele recebeu, naquela época, a incumbência de agir como comissário distrital no Censo do ano de 1890. Como os dois outros membros da comissão eram analfabetos, praticamente todo o trabalho ficava para ele. Para cada família era feita uma ata que deveria ser encaminhada até o final do ano ao diretor da Intendência Estatística, no Rio de Janeiro.

Na mesma época em que foi inaugurada a escola, Superaguí foi elevada a distrito, sendo separada administrativamente de Guaraqueçaba, o que prova que, de alguma forma, a colônia tinha progredido. Neste interim, entretanto, o fundador Perret-Gentil já tinha abandonado sua Fundação. Seus planos (talvez digamos melhor suas especulações) não tinha alcançado os resultados esperados. Assim, ele saiu de Superaguí e deixou Louis Durieux, um dos mais velhos colonos, que tinha conseguido certa prosperidade, como administrador. Este, porém, como constava de um relatório governamental, gozava de pouca autoridade junto aos brasileiros, motivo pelo qual tinha que enfrentar muitas dificuldades.

É lastimável que não se tenha conseguido construir uma igreja, ou pelo menos uma capela, em Superaguí. Faltou, assim, à colônia, o centro natural, como Perret-Gentil reconhecia corretamente, desde o início. Romário Martins, o historiador do Paraná, também destacava a importância da vida religiosa e eclesiástica, com a igreja como centro da comunidade. Bom exemplo disso poderia ser visto na vizinha Guaraqueçaba, onde dois fazendeiros haviam construído uma capela, no ano de 1838. Situada num local pitoresco, num platô na passagem da baía das Laranjeiras, a capela de Bom Jesus dos Perdões foi inaugurada a 15 de junho de 1839. A esperança dos fundadores realizou-se: em 20 anos o lugar progrediu bastante, contando com 3.876 habitantes (2.846 brancos, 382 morenos e mulatos e 248 escravos negros). Mais tarde, a capela foi elevada a vila e a segundo distrito do município de Paranaguá em 1880. Platzmann relata

que, com vento favorável, era possível ouvir o sino da igreja, de uma elevação de sua propriedade no rio Poruguara(22).

Como não havia uma capela em Superagui, possivelmente Michaud, com sua esposa Custódia e as crianças, tenham ido, às vezes, de barco à vela, até a igreja de Guaraqueçaba (23). De suas cartas nada se pode concluir a respeito. Nem mesmo se o casamento com Custódia foi celebrado na igreja e se os filhos foram batizados. Sobre o batismo, é possível que sim, diante do valor que davam os brasileiros a este sacramento, e sobretudo ao padrinho(24). Tampouco no casamento dos filhos é mencionada uma cerimônia religiosa. Michaud diz apenas, em seus relatos aos familiares, que o Juiz de Paz veio à sua casa para realizar o contrato civil.

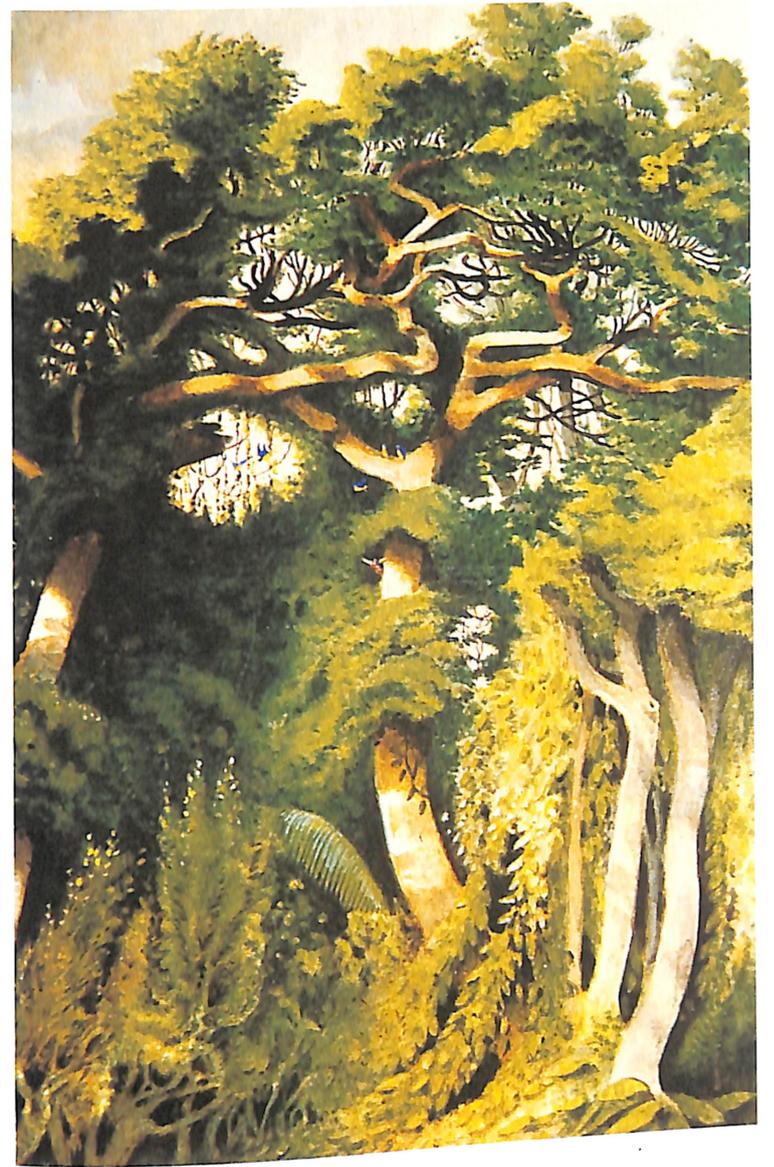
Um acontecimento importante no desenvolvimento da colônia foi a visita do presidente do Estado, Alfredo d'Escagnolle, Barão de Taunay, em Superagui, nos dias 13 e 14 de novembro de 1885(25). Taunay mesmo fez um relato a respeito desta visita, da qual teria levado as mais vivas recordações. Ele ficou entusiasmado com a beleza da paisagem e satisfeito pela recepção solene e festiva que lhe foi dada pelo povo, tendo à frente os três veteranos, Michaud, Sigwalt e Rovero (Durieux tinha falecido um pouco antes). Na comitiva estava o comandante dos portos de Paranaguá, o futuro Visconde de Nacar. As autoridades passaram o dia inteiro na colônia, informadas por Michaud, com quem se entendiam na língua francesa, das preocupações e interesses da população e visitavam, sob sua orientação, quase todos os colonos em suas propriedades. À noite, houve na casa dos Michaud uma grande festa.

Como costumava fazer em todo lugar, Taunay fundou uma associação de imigrantes e nomeou Sigwalt como presidente e Michaud como secretário. Resultaram também modificações administrativas, já mencionadas acima, com Superagui elevada a distrito. Michaud deveria tornar-se delegado mas renunciou em favor do jovem Sigwalt. Em contrapartida, recebeu a agência do Correio: três vezes por mês, a partir daí, deveria haver expedição do Correio! Isto significava um grande progresso e a visita tornou-se para os colonos uma data significativa. Foi a primeira vez que o governo se importou com os homens deste canto esquecido do Paraná.

A respeito do desenvolvimento da colônia, enquanto Michaud ainda vivia e agia lá, temos ainda os seguintes dados: num relatório oficial do ano de 1877, fala-se que Superagui tinha 150 casas com igual número de famílias. Vinte anos mais tarde, ano de 1896, Michaud escrevia para casa que, por ocasião de sua chegada, no ano de 1854, não havia sequer uma dúzia de ranchos de palmito contra, atualmente, 150 casas de material além de 100 casas de madeira. Havia duas serrarias, das quais uma pertencia a seu filho Robert. Fora disto, uma fábrica de tijolos, 15 vendas, nas quais podia-se conseguir todos os víveres e utensílios, além de vestuário, ferragens e até materiais de construção. Nos últimos tempos, quando o tráfego tornou-se mais fácil, o comér-

cio de madeiras vinha trazendo muito dinheiro para a população da colônia. A Chorographia de Sebastião Paraná (Curitiba, 1899) concorda com Michaud. Entre as indústrias exploradas em Superagui, cita fábricas de cerâmicas e o feitiço de cordas do cipó de imbé, uma trepadeira curiosa que tempos antes também tinha provocado o interesse de Platzmann(26).

Esta descrição proporciona uma imagem que talvez tenha correspondido à realidade daquele tempo, no fim do século. O otimismo subentendido que aí se percebe não encontra, porém, confirmação no desenvolvimento futuro.



IV - A vida familiar de Michaud, seus vizinhos e seu círculo de amigos

Por volta do ano de 1890, a situação pessoal e econômica de Michaud era satisfatória. Numa carta à sua irmã Nancy, porém, ele cita o livro de JOB e fala de seus temores com o futuro, de suas preocupações com os filhos e do que a vida ainda poderia trazer de incidentes. Com a morte de seu irmão Jules, iniciou novamente uma correspondência viva com os irmãos na Suíça e relata com satisfação que tivera condições de criar um lar no qual ele poderia sentir-se confortável com sua família, depois de vencidos os difíceis anos do começo de sua vida de colono. Ele lamentava não poder mandar fotografias porque, dado o grande isolamento de Superagui, não era possível encontrar um fotógrafo. Assim, ele, que durante mais de 30 anos não tinha tocado em lápis de desenho ou em pincel, colocou para fora seus talentos de desenho e mandou para suas irmãs, no decorrer de muitos anos, uma quantidade maravilhosa de desenhos e aquarelas, através dos quais elas podiam formar uma boa imagem dos arredores onde ele vivia.

A casa fora construída sobre um sambaquis — um amontoado de ostras, como tinha muitos na baía. A pequena elevação oferecia um panorama maravilhoso para o mar e, ao mesmo tempo, protegia a casa de eventuais inundações. Ao fundo, as duas elevações do morro Barbados ofereciam uma visão maravilhosa do mar e protegiam a casa contra os ventos fortes vindos do Oceano Atlântico. A propriedade consistia na casa propriamente dita, com um anexo onde ficava a cozinha. Em direção à baía, encontravam-se duas edificações menores, das quais uma servia de lar para o filho Roberto e sua família e a outra, conforme as circunstâncias, servia para diferentes finalidades. Programada como despensa, foi transformada em escola quando Michaud se tornou professor e serviu também como uma espécie de Centro Administrativo no período em que ele exerceu as funções administrativas acima mencionadas.

Michaud se gaba, não sem justo orgulho, da própria obra da qual fora construtor, pedreiro, carpinteiro e marceneiro. Para a casa mais vistosa, ele tinha construído portas, janelas, mobiliário e móveis com as próprias mãos. Somente os vidros e ferragens tinham sido comprados. Aproveitando, habilmente, o declive do terreno, a parte térrea da casa servia de adega, de armazém e provavelmente de oficina. Em cima ficavam os aposentos e dormitórios da família, todos eles com muitas e grandes janelas que permitiam entrada de ar e luz em abundância. Havia muito espaço na casa, mas às vezes insuficiente, quando toda a família se reunia: filhos, genros e noras e logo uma dúzia de netos e netas, cujo número apresentava uma nítida tendência a subir, como Michaud declarou uma vez, com satisfação. Por isto, era preciso pensar na ampliação da casa.

Situada em meio a um bosque de laranjeiras, limoeiros e de magníficas palmeiras régias, a casa oferecia uma visão simpática e agradável, sempre com os arredores mantidos escrupulosamente.

mente limpos, em comparação com as tristes moradias da maioria dos nativos. A casa abrigava uma vida familiar muito feliz, e Michaud não se cansava de exaltá-la e de descrevê-la: como à noite, depois de feito o trabalho do dia, à luz quente do candeeiro, a família se reunia. O pai conduzindo a conversa, lendo diante da família um bom livro, como outrora na casa paternal, em Vevey. Ou folheando um dos jornais suíços ou parisienses e contando aos seus os acontecimentos no grande mundo. A mãe preparando as coisas domésticas para o dia seguinte, as moças ocupadas com o trabalho de coser ou de bordar, os filhos fazendo música! Michaud tinha orgulho de seus nove filhos, dos quais se dizia, como escreve com satisfação, que eram os mais lindos de toda a região. Frequentemente agradecia a Deus não ter perdido nenhum, por morte, enquanto ele mesmo vivia.

A situação da propriedade era, sob qualquer aspecto, favorável. Da cozinha chegava-se, sob um rochedo sobrependente, à plantação próxima. Próxima também era a fonte de água que nunca falhava, abastecendo a cozinha e a casa com água saudável. A poucos passos estava o rancho do barco, na praia, onde sempre havia alguns botes e um barco a vela, maior, prontos para a pesca ou para uma viagem aos desembarcadouros vizinhos ou para a venda, a padaria, o engenho de açúcar, a serraria ou para o serralheiro e o forjador. Tudo isto estava cuidadosamente marcado num mapa que Michaud mandou para a pátria.

Não pouco deve ter contribuído a vizinhança de colonos europeus para firmar em Michaud a resolução de ficar definitivamente em Superagui. Com certeza isto também deve ter contribuído para consolidar, em algum aspecto, os princípios rígidos. Sobretudo era Louis Durieux, o filho de um padeiro em Vevey e irmão da professora Luise Durieux, que após o falecimento precoce da mãe, dirigia a casa paterna. Durieux tinha casado com uma inglesa em Vevey, com a qual já tinha três crianças e que lhe deu mais cinco em Superagui. Ele aparentemente dispunha de algum dinheiro pois comprou, na baía dos Pinheiros, no pés dos morros, em ambos os lados do rio Segredo, um terreno maior com uma boa quantidade de mata. A situação favorável de água quase convidava à instalação de pequenas indústrias. Assim, logo nasceram uma serraria e um engenho de açúcar, o último com aparelhagem para a produção da infelizmente muito procurada cachaça de cana, que tantos imigrantes arruinou.

As relações de vizinhança e amizade tornaram-se de parentesco quando Robert Michaud (nascido em 1862) casou com Elise Durieux e deste casamento nasceram três crianças: Alfred, Cecília e Eugenia. Como já foi mencionado acima, Perret-Gentil tinha transferido a administração da colônia a este Louis Durieux, quando se retirou de Superagui. Robert tomou conta, mais tarde, da serraria do sogro e prosperou com o comércio de madeira.

Um outro suíço ou italiano da região do lago de Como, Giovanni Batista Rovero, pertenc

cia igualmente ao círculo mais estreito de amigos. Rovero, mencionado junto com tessino Tamagno no relatório que Perret-Gentil tinha dirigido, no dia 1º de fevereiro de 1852, à Confederação Suíça. Os dois foram os primeiros que empreenderam a produção e exploração industrial da madeira, da qual as florestas de Superagui eram tão ricas.

O quarto, na união, era o alsaciano Johann Michael Sigwalt, que se instalou na entrada do canal de Superagui, no rio das Pacas. Com sua forja e serralheria, desde o início revelou-se um membro útil da colônia e sua disposição de ajudar deu-lhe a estima geral. Teve também sucesso com suas videiras e, nisto, serviu de exemplo aos demais. A prova de que ele era estimado por todos está no fato de que foi proposto como presidente da Associação de Imigrantes, como foi mencionado acima, e que seu filho se tornou o primeiro subdelegado de Superagui.

Como um dos primeiros colonos deve ser citado, ainda, o tessino Giordano Esquini (Esquinini), de Sondrio. Ele foi um dos primeiros cafeicultores de Superagui. O casamento do filho de Esquini com Antonia (nascida em 1874), a segunda mais jovem filha de Michaud, em 28 de janeiro de 1899, prova que as famílias mantinham vivo relacionamento.

Também para todos os outros vizinhos Michaud era um amigo sempre pronto para qualquer ajuda e, em consequência de sua formação mais ampla, o conselheiro adequado para muitas questões. Isto acontecia principalmente durante o período em que exerceu função pública e sobretudo durante os anos em que a escola funcionou. Michaud também era um conselheiro procurado em casos de doença. Como ele possuía alguns livros de medicina e tinha conhecimento da aplicação de remédios, principalmente de remédios caseiros comprovadamente eficazes, o povo vinha procurá-lo desde os lugares mais distantes.

O que ele escrevera um dia a sua irmã Emma, antes de sua partida, de que iria ao país das cobras, realizou-se literalmente em Superagui. Nos primeiros anos, praticamente não se passou um dia em que ele não tenha matado duas ou até três cobras. Michaud contava, em suas cartas, que conseguira curar muitas pessoas — inclusive suas crianças — de mordidas de cobra e que costumava ser procurado pelos vizinhos também nesses casos.

Por gratidão — ou por costume — Michaud recebia a ajuda dos vizinhos, quando havia pressa nos trabalhos da lavoura. Numa dessas oportunidades, mais de 50 pessoas, entre jovens e idosos, ajudaram — reunidos num mutirão(27) — nos trabalhos urgentes de uma plantação de mandioca. A remuneração era, como de costume, alimentação durante o dia e, à noite, uma festa com cantos e danças.

Michaud contava, na região, com um amigo fiel, o já mencionado fazendeiro Dr. L. Ramos, cujas visitas sempre trouxeram uma variação simpática, sempre bem-vinda, à sua monótona vida rural.

Em contrapartida, aparentemente o relacionamento de Michaud com conhecidos de Paranaguá não era muito intenso(28). Um comerciante, Saturnino Pereira da Costa, é mencionado como "amigo de comércio" e um certo coronel Carneiro, um solteiro rico e grande amador de plantas exóticas, mantinha com ele constante intercâmbio. Também parece ter encontrado um bom amigo no comandante Guimarães, que foi mencionado acima e que prestava a Michaud preciosos serviços, retribuídos com ocasionais visitas a sua residência.

Com a colônia suíça do Rio de Janeiro, Michaud não tinha mais relações e nem mesmo manteve contato com Perret-Gentil. Apenas por acaso surgiu uma breve correspondência com os filhos de Charles Pradez.

Com o barão de Taunay, contudo, formou-se uma verdadeira amizade, depois da visita que fez a Superagui, enquanto governador. Taunay ficara muito impressionado com Michaud e pediu-lhe uma série de desenhos da paisagem de Superagui. Depois de enviá-los, Michaud recebeu uma calorosa carta de agradecimento que deu início a um freqüente intercâmbio de cartas ou presentes. Desse modo, Taunay reuniu, com o tempo, uma coleção completa de desenhos e aquarelas, enquanto Michaud recebia jornais e revistas brasileiros e parisienses e formava, com as numerosas remessas de livros, uma pequena biblioteca domiciliar.

Pode-se afirmar que uma das mais importantes conseqüências da visita de Taunay foi de ter estimulado Michaud a pintar e desenhar novamente, depois de ter parado durante quase 35 anos. Também o Visconde de Nacar teve participação neste renascimento do talento artístico de Michaud. Foi ele quem encomendou a Michaud, durante a visita a Superagui, uma planta do canal. O mapa agradou-lhe tanto que enviou-o ao Departamento Hidrográfico da Marinha, no Rio de Janeiro. A mesma origem teve a aquarela da residência do comandante dos portos, que está reproduzida na cartografia Paranaense.



Acervo Família Carneiro



G-H. MICHAUD autoportrait 188

V - Michaud, o pintor de Superagui

vivia: sua casa, a vizinhança, a magia da floresta e do mar. Pode-se deduzir, sobretudo, que ele desejava mostrar aos irmãos e amigos, como estava repleto de satisfação e orgulho: aqui estou vivendo, tudo isto eu mesmo fiz pelo trabalho de minhas mãos. Assim é a imagem de minha propriedade! Seus desenhos elaborados até os mínimos detalhes constituem descrições vivas que querem dar, com precisão evidente, uma idéia imediata da vida e da obra, no cotidiano do artista. São, na verdade, uma confissão de vida sem palavras. Uma descrição fiel e evidente de seus sentimentos. A quem, como nós conhece seu destino posterior, é profundamente comovente ver como Michaud, em pequenos espaços mas com grande aplicação, perseverança e cuidados admiráveis, criava tudo isto de um modo mágico.

Michaud foi autodidata, como desenhista e pintor. Nunca recebeu instrução artística propriamente dita, depois do ensino normal de desenho, na escola. É digno de louvor, pois, o autocontrole do artista que evita fechar os olhos sobre a falta de um estudo profissional, arriscando-se em áreas do desenho que poderiam exigir conhecimentos anatômicos. Tanto mais é admirável a facilidade com que desenha e pinta, tendo a natureza como modelo, tanto quando se trata de sua casa ou de paisagens de trechos da costa ou de agrupamentos de domicílios de colonos que ele, desde o barco, sobre o mar, capta até os mínimos detalhes. Sua oficina é a natureza livre, que a ele se oferece em Superagui qual fonte brotando abundantemente e da qual bebia sem cansar, criando verdadeiras obras-primas. Depois de ter dormido longamente no seu interior, seu talento rompeu as amarras e alcançou um desenvolvimento inesperado.

Nas cartas em que anuncia a remessa de seus trabalhos, Michaud sempre fala em uma série inteira. Uma lista, ainda existente, de uma dessas remessas, contém: a casa vista do caminho para o porto, no meio das laranjeiras e das plantações de banana; o lado da casa que não é visto no primeiro desenho; o porto, isto é, a ponta de desembarque, e o paiol dos barcos com a baía e as ilhas no fundo; a gruta de rochedos por trás da cozinha; as rochas da plantação de café, com vistas para o mar. Por fim, ainda dois aspectos: "ao lado do caminho" e "uma vista para dentro da floresta" e dois desenhos de roçadas. E, no mesmo estilo e ritmo, suas remessas seguem para a pátria durante anos, até poucos meses antes de sua morte. O número deles era, certamente, de várias centenas, das quais um bom destino preservou para a posteridade uma grande parte, reunida no museu, na pátria, ou em coleções particulares.

As aquarelas de Michaud são ricamente coloridas, apesar de ter, normalmente, poucas tintas à disposição. E, aparentemente, não lhe era familiar a técnica de mistura das tintas. Apesar disso, Michaud gostava de usar tintas e pincéis, provavelmente sentindo que todas as gradações do cinzento nunca poderiam exprimir o que estava sentindo bem no seu interior e que procurava mostrar a seus amigos distantes. Na verdade, ele conseguia criar, com meios modestos, desenhos e

pinturas dos quais emana a impressão do milenar e tão diversificado crescimento das árvores e dos arbustos, a riqueza estonteante da floresta virgem, a magia cheia de segredos da paisagem, que ele transforma num magnífico monumento colorido, composto de gradações sutis dos matizes das cores. Aí pode-se ver como sua alma sensível e seu espírito vivo capacitaram-no para ficar em harmonia com a natureza, à qual se sente intimamente ligado.

Esta admirada dedicação à natureza anima sua alma e estimula suas forças artísticas criativas a descrever de maneira fina e terna um dia radiante, uma manhã incipiente ou o entardecer, a tranquilidade da floresta adormecendo e a integridade original da mata virgem, selvagem e poderosa. E, com ímpeto quase sinfônico e ao mesmo tempo com ternura, sabe representar o florescer rosa. E, com ímpeto quase sinfônico e ao mesmo tempo com ternura, sabe representar o florescer radiante e vitorioso de uma exótica flor milagrosa. E comprova o verdadeiro gênio artístico que, com sua maneira original de pintar, lhe dá capacidade para captar, em gradações suaves, não só a abundância da mata viva, nos arredores de sua casa, mas também a distância e a profundidade do espaço.

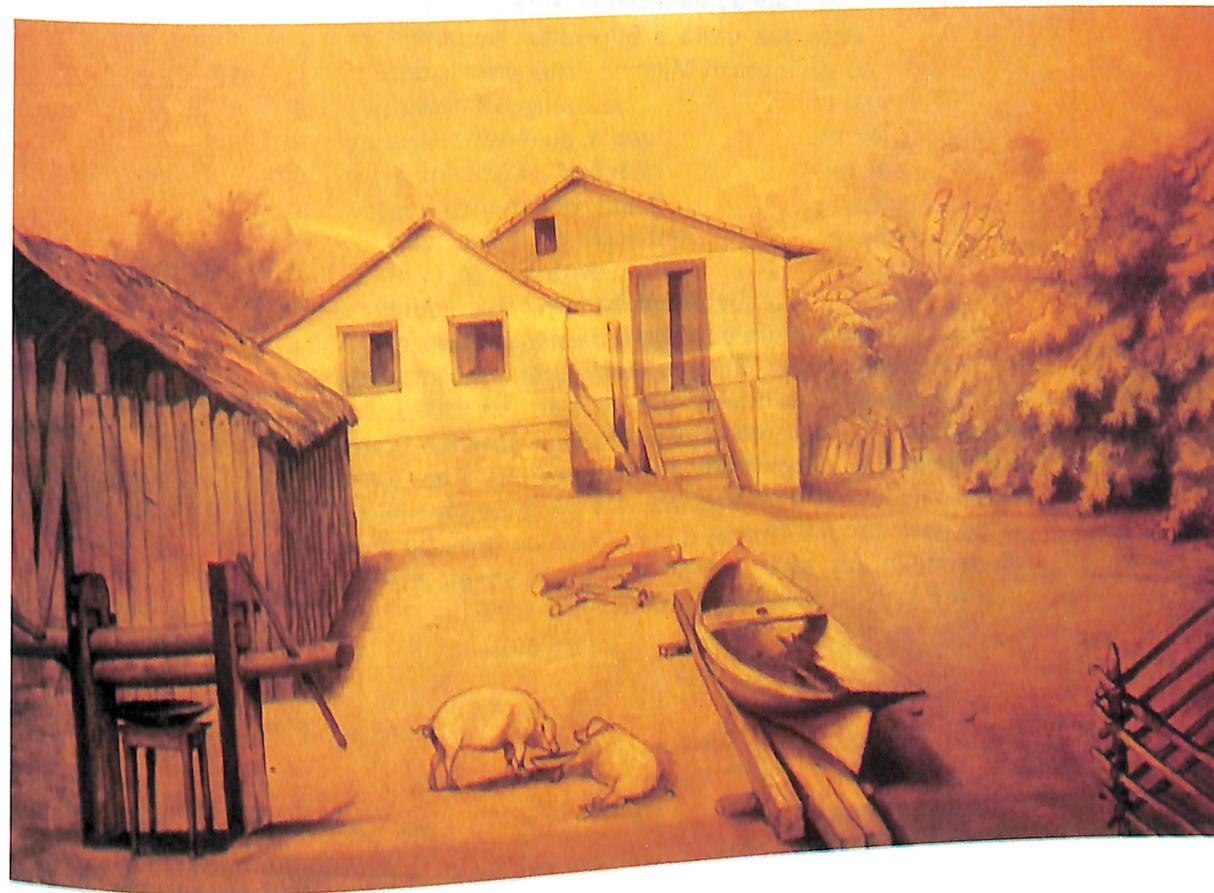
Dois depoimentos literários a respeito do pintor William Michaud devem ser aqui citados. Newton Carneiro, em sua "Iconografia Paranaense", confessa que não conseguiu dados biográficos mais precisos sobre o artista(29). Ele acreditava na suposição de que Michaud trabalhava como professor em Superagui, e que ficou junto de seus alunos, por responsabilidade, quando a colônia se desintegrou. Embora Carneiro conhecesse somente um pequeno número de desenhos e aquarelas, ficou tão impressionado com sua arte que pôde ver, do trabalho de superior e prolongados estudos de pintura e desenho. Pois tudo o que pôde ver, do trabalho de Michaud, permitia deduzir um talento artístico notável e uma técnica perfeita. Daí a beleza e a perfeição surpreendente de suas aquarelas e a capacidade inusitada de produzir efeitos cromáticos magníficos, com as poucas tintas que tinha à disposição. As numerosas pinturas de paisagens de Superagui, os diferentes aspectos de Paranaguá, do litoral e da baía, são todas elas obras-primas, "todas de primorosa feitura".

De forma mais correta fala Taunay sobre seu amigo Michaud, em sua obra póstuma "Céus e Terras do Brasil": Taunay tem grande apreço, estima e admiração por seu amigo. Longe da civilização, era ele um desenhista extraordinário, um artista excepcionalmente talentoso, que criava, por passatempo, pinturas magníficas, encantado pela contemplação daquelas paisagens intocadas, cheias de uma magia incomparável. Taunay conta que Michaud enviou-lhe muitos de seus magníficos trabalhos que ele, agora, guardava ciumento! E como teria este homem conseguido representar a vegetação daquela região, escolhendo para isto sempre os objetos certos! Suas paisagens, por exemplo, sempre pintadas sobre um fundo bastante expressivo, eram verdadeiras obras-primas. Mesmo trabalhando com poucos recursos técnicos e freqüentemente com tintas

medíocres, conseguia criar pinturas irrepreensíveis, das quais qualquer especialista diria serem criadas pela mão de um mestre.

As palavras que o barão de Taunay escreveu ao então vice-presidente do Paraná, dr. Joaquim Almeida Faria Sobrinho, após sua visita a Superagui, representam uma contribuição tão significativa para a caracterização do homem Michaud, que parece necessário transcrevê-las aqui: "Eu encontrei, naquele lugar mal conhecido mas não menos interessante de nossa Província, um professor verdadeiro, cercado de muitos alunos, que é, ao mesmo tempo, um artista notável com o qual, desde então, cultivo as mais agradáveis relações". Também faz menção, mais adiante, à sua decisão de aumentar a remuneração de Michaud, designando-a como "ato de gratidão para com o homem que vive como pioneiro desconhecido da civilização, naquele ponto remoto e distante de nosso litoral, para onde o teria levado o destino". Mais ainda, observa "quão singulares são as ocorrências a que estão sujeitos alguns homens! Lá, naquele Superagui primitivo, de caráter rural, vive um homem cuja cultura e cujo gênio estão em contraste direto com seu ambiente social, do qual ele tanto se destaca... Ele que, com toda a razão, poderia ter uma posição respeitada e distinguida na sociedade pois inteligência, os melhores modos, aparência simpática, nada disto lhe faltava. Mas ele era tímido demais e retraído em si mesmo. Estava satisfeito com as belezas naturais extraordinárias que o cercavam. Preferia essa vida, na verdade. Nenhuma ambição incitava-o, embora com os talentos, o conhecimento e a habilidade que o distinguiam, pudesse ter alcançado um lugar de destaque nas fileiras dos homens de letra ou artistas. Mas ele não queria deixar Superagui. E, também, por quê?, perguntava-se, deixando passar os dias, meses, anos naquela monotonia, porque tinha a felicidade dentro de seu coração. A felicidade que é desconhecida aos insensatos e aos pequenos espíritos, ou parece-lhes desprezível"(31).

Taunay não poderia ter caracterizado melhor o homem e o artista Michaud do que com estas frases, com as quais edificou um monumento honroso ao amigo.



Monsieur W. Michaud

Je vous envoie ce volume,
pour que vous ayez idée
de la manière d'écrire
du grand écrivain russe
Leon Tolstoï; dont tous les
ouvrages font succès à
Paris. Son roman en 3
volumes Guerre et Paix
est un véritable chef-
d'œuvre.

N. de Taunay

VI - Lances adversos do destino: revolução e prisão

A última década de vida de Michaud não passaria sem desferir-lhe pesados golpes que teriam graves conseqüências para o futuro de toda a família.

A mudança política provocada pela proclamação da República passou quase despercebida em Superaguí. Michaud esperava — e com ele muitos outros — que o novo governo favoreceria a ordem pública com seu regime a princípio mais rigoroso. E depois de nomeado como Juiz de Paz, desejava colaborar para isto conforme suas possibilidades.

Na economia, a inesperada alta do café, do qual tanto dependia a colônia, teve conseqüências benéficas em todos os aspectos da economia nacional. Logo depois, entretanto, a situação mudou. A incerteza quanto ao novo governo, a crise econômica e a corrupção geral levaram a uma desvalorização acelerada da moeda e a índices de custo de vida assombrosos. Os governos sucediam-se. Na economia, uma queda catastrófica no preço do café tem conseqüências desastrosas para a economia. Para completar a desgraça, em todos os lugares irrompiam epidemias. A temida febre amarela(31), a escarlatina, a varíola, o sarampo e a malária causaram verdadeiras devastações.

Depois disso tudo vieram as desordens revolucionárias, resultado do conflito entre centralistas e federalistas que, nos anos de 1893 e 1894, sacudiu a vida pública, trazendo, em seu cortejo, uma tempestade devastadora à jovem província, onde as desordens gerais se refletiam de maneira especial. Em Curitiba, substituíam-se os governos de modo febril. Entre fins de 1889 e de 1890 sucederam-se cinco governadores, que foram seguidos por uma junta governativa. Depois de duas eleições, em 1894 a província teve, novamente, quatro governadores seguidos. Desta forma abriram-se todas as portas aos federalistas que avançavam, vindos do sul. Eles mantiveram um verdadeiro regime de terror e o historiador David Carneiro, com razão, escreveu: "Contou o Paraná, em 1894, com o domínio de verdadeiro terror, no período compreendido entre março e julho desse trágico ano"(32).

Os federalistas ocupavam a província até que as forças do Governo Central avançaram sobre Curitiba por terra e mar. Paranaguá e Lapa foram conquistadas e, finalmente, também Curitiba, de forma que as condições legais foram restabelecidas sob o comando de Vicente Machado da Silva Lima. Sobre os rebeldes recaiu uma terrível punição. Uma onda de prisões e de execuções passou pelo país. Mesmo quando o contra-terror passou a ser punido pelo Governo Central, ainda foram registrados muitos casos de "fuzilados na fuga".

Como costuma ocorrer em tais circunstâncias, as denúncias grassavam. Michaud, sem adivinhar algum mal, continuara em seu cargo de Juiz de Paz, o que foi interpretado como cola-

boração com as autoridades revolucionárias. Também houve, naturalmente, pessoas que não podiam perdoar ao estrangeiro Michaud a inteligência e a cultura geral, que superavam de longe o nível da maioria de seus concidadãos: que ele ocupava cargos cobiçados e respeitados, que cultivava relações de amizade com personalidades em posições elevadas, que mantinha uma correspondência viva com o estrangeiro e que, sobretudo, alcançara uma certa prosperidade. Vizinhos maldosos, pois, não tiveram dificuldade para espalhar calúnias e difamações, especialmente quando estavam à espreita de uma presa fácil. Assim, Michaud e seus dois filhos, Robert e Joseph, foram detidos, em meados de julho. Algemados, em condições humilhantes, foram conduzidos pela soldadesca — composta em sua maioria por negros — e levados, de madrugada, a Paranaguá. Lá, sem dúvida, sua inocência foi logo reconhecida. Amigos influentes, entre eles pessoas da família do então já falecido Visconde de Nacar, conseguiram a imediata liberação de Michaud, enquanto Robert e Joseph foram postos em liberdade no dia seguinte. Sobre este episódio, Michaud escreveu a seus irmãos na Suíça: “Vocês não fazem sequer idéia do que nós sofremos: felizmente encontramos aqui, em Paranaguá, algumas boas pessoas”.

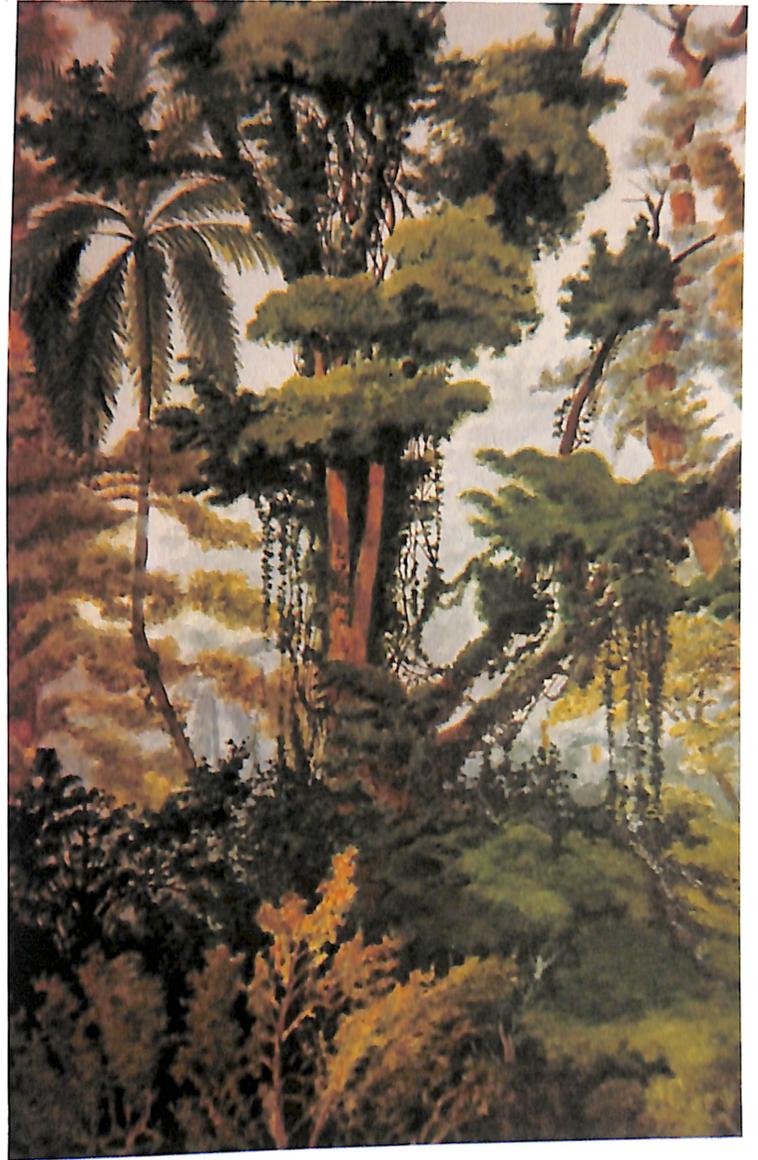
Depois deste trágico acontecimento, ao retornar para casa, Michaud encontrou sua pro-ridade num estado lamentável. Os soldados tinha procedido como bárbaros, saqueando a casa, ainda foi o tratamento dado, por exemplo, ao mais jovem Durieux, cunhado de Robert. Ele havia procurado refúgio na mata, com a mulher e as crianças e, ao retornar, achou, de sua casa, apenas as quatro paredes. Tudo fora roubado ou queimado: móveis, roupas, louças, cavalos, vacas, porcos e galinhas. Ele, como também Michaud e sua família, tiveram que arranjar novas roupas a crédito.

É verdade que o sargento que tinha comandado os saqueadores foi imediatamente degradado, açoitado e levado à prisão. Michaud, entretanto, ficou completamente abatido com estes acontecimentos. Naquele momento, ele teria preferido vender tudo e retirar-se de Superaguí, pois agora, em seus dias de velhice — assim ele se queixava — era mais pobre do que no início. Felizmente os parentes suíços puderam socorrê-lo através do envio de quantias significativas de dinheiro. Mas, como costumam ser estas coisas, uma desgraça raramente vem sozinha: um ano mais tarde — no dia 10 de novembro de 1895 — ele comunicou aos irmãos a morte de sua adorada e querida mulher Custódia, depois de quatro dias de enfermidade. Sem dúvida, as emoções ligadas aos acontecimentos do ano anterior contribuíram para isto. Para Michaud, a morte da esposa era uma perda irreparável pois ela fora uma dádiva de Deus, não somente como esposa mas até como substituta da mãe, tão cedo perdida.

Esta grande perda, somada a tempestades devastadoras, más colheitas e doenças contagiosas, provocaram queixas nunca antes ouvidas por parte de Michaud, das quais pode-se deduzir algo como um arrependimento a respeito da vinda ao Brasil: “Que bons anos perdidos, vindo ao Brasil... Mas a juventude é tola e não aceita conselhos!”

Dona Custódia fazia falta não apenas como companheira de vida mas também como mãe e como dona-de-casa. Nos últimos anos ela havia também dirigido o trabalho agrícola, no qual estava baseada a alimentação da família. Michaud já havia se afastado há muito tempo do trabalho no campo, que era cada vez mais difícil para ele, que passava a se dedicar mais aos afazeres domésticos e, enquanto lhe cabia, às incumbências de professor, Juiz de Paz e, temporariamente, agente de Correio. Agora, nos dias de velhice, foi obrigado a voltar aos trabalhos no campo, embora deixando a plantação aos cuidados de seu filho mais jovem, Joseph, de seu neto Lídio e das filhas solteiras.

Mas, para contribuir de algum modo com o orçamento doméstico, conforme suas possibilidades, virou comerciante e — ele que toda vida odiou tudo o que se chamava comércio — abriu uma venda usando, aparentemente, os donativos dos irmãos. Mas sua ocupação principal foi o comércio de madeiras, junto com o filho Robert. A exportação de madeira transformara-se na mais importante fonte de lucro. Paranaguá necessitava de madeira para lenha e construção e a via férrea Curitiba-Paranaguá, que começou a funcionar em 1886, consumia madeira como material de combustão. Além disso, somente no ano de 1896, mais de 100 mil peças de dormentes foram exportadas: a madeira cortada em Superaguí era transportada até o Rio de Janeiro. Mas Michaud reconhecia o lado sombrio deste proveitoso comércio de madeira. Pois, na falta de qualquer controle e de qualquer forma de economia florestal, foram destruídas as antes tão magníficas matas, que desapareceram sob verdadeiros desmatamentos selvagens.



VII - Os últimos anos da vida de Michaud

O próprio Michaud escolheu o local onde terminaria sua vida, em Superagui. Agora, que tudo estava acabando, ele reconhecia que não somente tinha se contentado com aquilo mas também fora feliz com a família, com os amigos e com todas as obrigações ao longo de todos esses anos.

Nos dias de velhice ressurgiam, não raramente, recordações melancólicas de sua juventude despreocupada e da vida na casa paterna, onde todas as doçuras estavam à sua disposição. É verdade que, em Superagui, a natureza oferecia, com generosidade, tudo que era necessário para a vida, mas tiveram que renunciar, ali, a todas as pequenas coisas que conhecera na juventude. Mesmo pão, leite, queijo, vinho — outrora parte do cotidiano — tinham ficado à distância, junto com a civilização. Por isso, ele aceitava, apesar de certa inibição, as remessas de dinheiro que lhe faziam os irmãos. Especialmente sua irmã mais nova, Nancy, que se encontrava em condições financeiras confortáveis, podia proporcionar-lhe essa alegria. E quando ela anunciou sua mudança para Vevey, para Vat — “o mais lindo lugar do mundo” — Michaud concordou com ela, dizendo que, se pudesse começar novamente, com certeza não escolheria Superagui como local de moradia. Antigamente, dizia ele, via “tudo azul” e, quando a realidade mostrou sua verdadeira face, já era demasiado tarde para retornar. Por bem ou por mal, era preciso continuar o caminho iniciado e, diante de toda a miséria existente no mundo, agradecia a Deus pela pouca felicidade, pela saúde e relativo bem-estar que pudera obter. Resignado, Michaud confessa, uma outra vez: “É necessário bastante paciência neste mundo mas pelo menos fica a esperança de encontrar um dia a tranquilidade e o sossego para sempre, no túmulo”.

Com o decorrer dos anos, o ambiente em torno de Michaud tornava-se cada vez mais solitário. Depois da esposa, ele perdeu, um após o outro, seus velhos amigos. Sempre inclinado para pensamentos filosóficos, Michaud isolava-se cada vez mais. Passou a viver apenas para a família, seu trabalho e sua arte e, a cada hora livre, para seus livros. Aos domingos, até as visitas de vizinhos transformaram-se em perturbação, pois a conversa pouco podia oferecer a ele pois tratava-se de pessoas simples, a maioria brasileiros, sem qualquer cultura geral. Mas ele confessa: “Sempre fui um pouco aristocrata e detesto os democratas exaltados que só pensam em enriquecer, mesmo por meios os mais detestáveis”. Por isto, sempre se recusava a participar, mesmo quando convidado por representantes do governo, de alguns tipos de negócios. Mas retoma as queixas: “Sempre esta solidão, esta monotonia insípida neste Superagui triste”. E mais uma outra vez: “Aqui, nada de novo, sempre a monotonia, mesmo aos domingos. Elise está remendando a roupa, Júlia e Joana estão fazendo chapéus de palha, Joseph dedica-se a obras de marcenaria e

Lídio passa com o barco e joga suas linhas. E assim, semana após semana!”

Os pensamentos de Michaud giravam, com freqüência, em torno do futuro dos filhos. Livrou-se das preocupações com as filhas mais jovens ao casar Ana, a caçula, com o brasileiro Antonio dos Passos, no dia 28 de janeiro de 1897 e, pouco depois, Antônia, com o filho de seu já falecido amigo, Giordani Esquini, em 28 de dezembro de 1899. Mas quem cuidaria dos outros, depois de sua morte?

No dia 28 de junho de 1899, Michaud completou 70 anos. Como todas as pessoas, na velhice, gostava de deixar vagar seus pensamentos pelo passado. Quando, tantas vezes, antes do nascer do sol, do outro lado do morro Barbados, seguia o tapir, ou outra caça, por picadas ermas; ou na praia do oceano, onde a faixa de areia branca se estendia sem limites e ele se dedicava à pesca; como ficara embriagado e extasiado com o brilho das estrelas, com o trovejar das ondas, com a beleza múltipla da paisagem selvagem, até que, quase subidamente, a leste, o sol se levantava, fogueiro e dourado, sobre o mar. Quantas vezes o pensamento dele deve ter vagado para além-mar, para a pátria tão distante... As suas cartas numerosas comprovam que, freqüentemente, os seus pensamentos se detinham às margens do lago de Genebra. Cada notícia, cada carta, cada jornal e revista que chegavam, era uma fonte de alegria. No ano de 1899, quando seus irmãos o convidaram para fazer uma visita à pátria, às suas expensas, a tentação foi grande. Mas Michaud recusou, sob diversos pretextos. Sua irmã Elisa propôs-se, então, a visitá-lo em Superagui. Por razões evidentes, ele desestimulou a viagem. Depois do falecimento de Custódia, Emma e Nancy repetiram o convite e chegaram a enviar dinheiro para a viagem mas, após reflexões profundas, Michaud devolveu o dinheiro e pediu-lhes, encarecidamente, de uma vez por todas, que desistissem desses planos. Novamente ele dá várias razões para essa decisão. A mais profunda, por certo, era de que ele envergonhava-se de viajar às custas de outros e de encontrar, lá, gente que “não lhe poderia perdoar que ele não tivera sucesso”.

Em sua concepção de vida, Michaud era muito rigoroso, de maneira que, na velhice, fazia um balanço do desenrolar de sua história. Era o último a esconder que, do ponto de vista dos resultados materiais, as esperanças que trouxera ao Brasil, quando jovem, realizaram-se em muitas partes. Apesar de não gostar de confissões voluntárias diante dos irmãos, escreveu, no dia 29 de abril de 1900, que depois de 50 anos de Brasil — dos quais 46 em Superagui —, já no final da vida, era mais pobre do que em seu início. Mas era para ele consoladora a orgulhosa consciência que tinha de que vivera com honestidade, cumprindo com suas obrigações e, quando lhe fora possível, sendo útil a seus semelhantes.

“Não é a riqueza que torna feliz o homem”, dissera uma vez. “Melhor contentar-se com o que se tem e não desejar uma coisa a mais, que não se possa conseguir. Eu, pelo menos, deixo a

vida passar como Deus a quer, e tenho certeza de que Ele me ajudará nas preocupações, como tem feito até agora. Sempre me censuraram por ser descuidado e indiferente demais. Isto é verdade mas, se bem que tivesse que superar, em minha vida, grandes dificuldades, sempre vivi alegre e contente, regozijando-me da vida. Não sei o que Deus ainda tem reservado para mim mas esforçar-me-ei, enquanto Ele me der a vida, para continuar vivendo da mesma forma. E quando chegar o momento da despedida, terei o consolo de ter vivido feliz e contente e sem motivos para arrependimentos”.

De suas cartas, fala uma filosofia sadia. É verdade que não estava baseada em uma convicção religiosa. No sentido eclesiástico, Michaud não era religioso pois, sob este aspecto, as circunstâncias em que viveu foram demasiadamente desfavoráveis. Na casa paterna, é provável que tenha dominado um protestantismo liberal e, em Superagui, como já dissemos antes, raramente havia um sacerdote para cuidar dos homens que viviam naquele canto distante do mundo.

Por outro lado, é possível deduzir das cartas de Michaud, sobretudo daquelas escritas nos seus últimos anos de vida, que freqüentemente ele se ocupava do problema de Deus, da criação e do sentido da vida. Depois de completar 70 anos, ele reconhecia a lenta desintegração do corpo, que começava a voltar a suas origens: “Resta a alma. Para aqueles que têm fé, este termo fatal não é nada mas, para quem, como eu, é presa de dúvidas...” Ele dizia que era preciso agradecer a Deus quando se alcançava os 70 anos e ainda com um pouco de saúde. Também considerava um presente de Deus o fato de não ter perdido nenhum dos filhos.

Michaud tinha uma verdadeira necessidade de substituir, por estudos próprios, o que lhe faltava de formação religiosa ou filosófica. Por isso, pediu a sua irmã Emma que lhe conseguisse a obra do professor Carl Vogt, “A História Natural da Criação (Naturliche Geschichte der Schopfung)”. Como não pode encontrá-la, Emma mandou-lhe, do mesmo autor, “Leçons sur L’homme”. Ele ficou muito grato: a leitura teria proporcionado tudo o que desejava saber a respeito da criação, de um modo excelente.

Freqüentemente Michaud meditava, torturado por dúvidas, sobre o que viria depois da morte: “Os conhecidos e amigos que se vão nos advertem de que estamos prestes a ir também... Mas a questão não é morrer, é saber como e de que vamos morrer. Seria preferível não pensar nisto”. No ano de seu falecimento, sua irmã mandou-lhe os dois volumes da obra de Otto Funcke, “Les pas du Dieu vivant”; numa carta, de 8 de maio, ele agradece a remessa e observa que lera por três vezes o livro. Esta foi a última carta que escreveu para casa.

Michaud sempre gozara de uma saúde férrea, sem bem que não tivesse sido poupado de doenças tropicais. Em princípios de 1897, perguntava-se se veria a virada do século. Só Deus saberia, que sua vontade fosse feita. Alguns meses depois, informava que três de seus filhos contraíram malária. No ano seguinte, queixava-se de fadiga e emagrecimento, depois da última doença.

A barba e o cabelo haviam branqueado e todos esses sinais eram desanimadores. Ele sentia que não iria muito longe mas achava melhor não pensar nisso porque nada poderia ser mudado. Deus cumpriria sua vontade!

O primeiro dia do ano de 1902 foi, mais uma vez, um dia de alegria. Depois de várias remessas anteriores, sua irmã Nancy lhe mandava 500 francos, dois jornais, o mais recente "Messager Boiteux" e o "Almanaque du Tempérant", e Emma, uma longa carta. Acrescente-se que, com o clima favorável e copiosas chuvas, a lavoura estava magnífica e tudo permitia prever uma boa colheita.

Em março de 1902, porém, ele escreve que uma peste, vinda do estrangeiro, chegara a Paranaguá, levando as autoridades a decretar uma rígida quarentena. Nessas últimas semanas, Michaud queixava-se de que não se sentia bem, suas forças minguavam. Acessos violentos de febre, que não cessavam, apenas encontravam certo alívio nos preparados homeopáticos do jovem Sigwalt.

Em sua penúltima carta fala ainda sobre a política interna do Brasil, que considerava ainda pior do que durante a monarquia, quando ainda existiram períodos bons. A consciência clara de Michaud, já doente, pode ser comprovada pelas observações maliciosas que fazia às intenções dos Estados Unidos, que impediam as tentativas de restauração da monarquia por todos os meios.

Apesar dos cuidados dos filhos, seu estado geral de saúde não melhorava. Faltavam-lhe agora, forças para mandar, aos parentes, na pátria, a última saudação. No dia 7 de setembro de 1902, terminava sua migração terrestre. Rodeado por todos os filhos e netos, como era costume no Brasil, William Michaud faleceu, ao meio-dia.

Seus restos mortais foram sepultados no cemitério de Superagui. O lugar de descanso dos mortos, cercado por um muro, existe até hoje mas está tão coberto de plantas e trepadeiras tropicais que, por ocasião da visita do autor, não foi possível identificar nenhum dos túmulos mais antigos.

No ano de 1900, Michaud tinha executado o censo em Superagui, em sua última contribuição a serviço da comunidade. Ele comunicara, então, que o distrito contava com 1.480 almas, número que expressa um certo progresso, ainda que não grandioso, mas significativo em relação ao princípio da colônia, tão humilde. Dos fundadores, vivia apenas Giovanni Batista Rovero. Todos os outros, suíços, italianos e alemães, estavam mortos. Deixaram, porém, uma descendência numerosa, que vivia relativamente bem, em casas bonitas, com lavouras vistosas.

O futuro não trouxe maiores progressos. Os fundadores, entretanto, haviam dado sua contribuição com grandes sacrifícios e Taunay, com razão, incluiu o nome de William Michaud, o

solitário artista, entre os pioneiros, no "escudo de honra dos estrangeiros ilustres e prestimosos que concorreram, com todo o esforço e dedicação, para o engrandecimento do Brasil".

Que esta exposição sobre a trágica sorte do pioneiro e artista William Michaud, dentro da moldura histórica de seu tempo, seja uma canção de glória, na história da emigração suíça para o Brasil. Seu destino, por certo, não figura aí isolado. Antes e depois dele, tantos homens jovens partiram para aquele país distante e desapareceram, aos olhos de seus contemporâneos, em suas florestas virgens infinitas, em qualquer canto isolado. E nem o lugar de seus túmulos é conhecido.

O Brasil é um poderoso caldeirão das raças e dos destinos individuais, onde todos deixaram seus vestígios, traçando a fisionomia do país e ajudando a formar sua nova face. Pois uma grande variedade de elementos tem contribuído para o crescimento externo da nação brasileira e também para seu amadurecimento interno, a sua verdadeira grandeza.

F. M. J.

Paranaguá Paraná Brésil
20 Sept. 1902

Ma très chère tante

Je t'écris cette lettre par l'intermédiaire de l'Armurier de l'hôpital de Paranaguá. C'est un prêtre français de la Savoie, à côté de la Suisse. Je suis venue à Paranaguá chercher quelqu'un qui pût t'écrire en français, pour t'annoncer une bien triste nouvelle. Notre père Guilherme Michaud, est mort le 7 Septembre à midi. Il est resté 3 mois malade. Nous avons la consolation d'avoir fait tout ce qui a été possible pour le soigner et le guérir. Nous avons dépensé quasi tout notre argent avec

et medecins et avec les remedes,
mais rien n'y a fait. Nous sommes
en la douleur de perdre et de voir
mourir notre tres-cher pere.
C'est lui qui m'a dit avant de
mourir de venir à Paranaqui
chercher quelqu'un qui connait
le francais pour pouvoir l'ecrire
et annoncer sa mort. Nous
audrions bien que sa-puisse
vous venir en aide en quelque
maniere, car nous avons beaucoup
besoin pour soigner notre pere.
ans votre reponse vous voudrez
bien me dire si vous avez reçu
le café que nous vous avons
envoyé d'ici. Moi et mes soeurs
vous nous parlons bien en ce
moment - et nous désirons bien

3

que vous en soyez tous de même.
Bien le bonjour à toute la famille.
Votre neveu tout affectueux et c.
José Henriques Michaud
Paranaqui.
P. Hippolite Lassaiaz - amiõmes

(Acervo Família Carneiro)

Michaud não ensinou para os filhos a língua pátria. Para comunicar sua morte à família, na Suíça, tiveram que recorrer ao padre HYPOLITE LASSIAZ que contou em francês, por eles, a triste notícia.



Notas

1 — Comp. W. Bodmer, "História Industrial Suíça — a evolução da economia têxtil suíça no contexto das outras indústrias e ramos econômicos". Zurich, 1969, p. 265, 290, 297. Comp. também W. Bickel, "História e Política da População da Suíça", Zurich, 1947, pág. 161.

2 — W. Bodmer, "Immigration et colonisation suisses en Amérique du Sud" in: Acta Tropica 2 (Basileia, 1945) p. 289 e especialmente pp. 293-299 e 304-309.

3 — O primeiro estímulo para a realização deste estudo veio da Iconografia Paranaense do dr. Newton Carneiro, então Secretário Estadual de Cultura e Ensino em Curitiba, Paraná. A dissertação, publicada em 1950, em Curitiba, continha a reprodução de alguns desenhos de William Michaud, um até então desconhecido desenhista e pintor suíço. Um destino favorável determinou que o autor encontrasse, em casa de um amigo suíço, durante um estágio na Europa, uma pasta de aquarelas e desenhos preciosos e também um auto-retrato do pintor. Sobretudo descobri na mesma casa um pacote de cartas originais que, depois de uma pesquisa entre descendentes da família, em Paris, passaram a somar 80 peças. Mais tarde, numa visita ao arquivo de Vevey, cidade natal de Michaud, um encontro com o administrador do Museu Histórico da cidade, André Gétaz, permitiu um achado especialmente valioso. Ele localizou uma pasta volumosa, até então não notada, com desenhos e aquarelas semelhantes às até então identificadas como de Michaud, que aparentemente representavam uma doação dos irmãos do pintor ao Museu da cidade natal.

Estes achados felizes e os resultados de minha pesquisa em arquivos suíços e em bibliotecas brasileiras permitiram a presente exposição do destino trágico (pode-se chamar assim) do tão talentoso jovem imigrante franco-suíço, de um destino que merece também interesse geral.

Estas cartas, pois, fazem surgir, em descrições bastante vivas, imagens características da vida de um colono num canto distante do Brasil, a península Superagui, na baía de Paranaguá. Das mesmas também resultam muitas contribuições à História contemporânea, durante a segunda metade do século passado, isto é, na primeira década do novo Estado do Paraná. Por estas razões, as cartas de Michaud podem ser consideradas uma fonte valiosa da História contemporânea.

Tentando representar um destino individual dentro do contexto da História de seu tempo, o autor acredita poder considerar sua exposição uma contribuição para a História da Emigração Suíça. Nós agradecemos à direção do Museu de Vevey pela boa vontade com a qual permitiu ao autor a reprodução de algumas das melhores peças da coleção acima citada. De resto, é uma ocorrência singular que o Museu esteja hoje instalado nas salas de cima da casa na qual Michaud, 130 anos antes, nasceu.

4 — O relatório teve tão pouco resultado no Conselho da Confederação quanto as negociações orais, nas observações lacônicas dos dias 18 e 19 de março de 1852, nas actas. O original está no Arquivo da Confederação, em Berna.

5 – Anexo ao Memorial, encontra-se um relatório do administrador Albert Kohler, investido por Perret-Gentil, através do qual pode-se ter uma perspectiva interessante a respeito do que tinha sido feito, até então, em Superagui. Havia plantações de café, arroz, algodão, cana-de-açúcar e feijão. Nas lavouras mais antigas os arbustos já estavam cheios de frutos. As pastagens tinham sido ampliadas e 2.500 a 3.000 mudas de tabaco estavam disponíveis para o plantio. Dois homens de Tessin preparavam as primeiras remessas de madeira. Tão logo a pastagem implantada estivesse pronta, havia planos para aquisição de gado. Somando tudo, este relatório, se bem que otimista, é bastante esperançoso.

6 – Na revista trimestral do Instituto Histórico do Paraná, 1º volume, 3º caderno, p.38, há um relato, sob o título “Os Piratas do Superagui”, a respeito do brigue “Siene” que, a caminho da Inglaterra, em 1852, teria naufragado no início de dezembro, sendo saqueado pelos habitantes semi-selvagens da baía de Superagui. Perret-Gentil, segundo o relato, estava ligado ao caso. Isto, com certeza, é um engano, pois o fundador da colônia nem morava lá.

7 – Comp. J.L. Moré, “Le Brésil et sa colonisation future. Notice écrite sur des documents communiqués par le consultat suisse à Rio de Janeiro”, Genf/Paris, 1852. A pequena exposição de Perret-Gentil “Estudos sobre a colonização ou considerações sobre a colônia Senador Vergueiro”, Santos, 1851, não pôde ser examinada.

8 – As seguintes agências colocaram-se à disposição para o alistamento e transporte de emigrantes ao Brasil: Charles Perret-Gentil e Gex-Decosterd Frères, no Rio de Janeiro; Vergueiro & Co, em Santos; Lima & Pinheiro, em Paranaguá; Sautter, em Paris; Sprungling & Co., em Le Havre; F.J. Wicherhausen, em Bremen; F. Schmidt, em Hamburg; J. Ernst Weibel, em Leipzig, onde também ficava o “Escritório Central para Emigrações”; a “Sociedade Nacional para Emigração” em Frankfurt e a “Sociedade Central para Emigração”, em Stuttgart. A agência de Hamburg editava uma revista própria de propaganda: “L’émigration régularisée au Brésil, ses premières e brillantes suites”. Numerosas revistas semelhantes testemunham o interesse comercial vivo dessas agências.

9 – Os prospectos podem ser lidos, em parte, na biblioteca estadual “Landesbibliothek” em Berna, e parte em Genebra.

10 – Comp. Julius Platzmann, “Da baía de Paranaguá” (uma coleção de suas cartas aos pais), Leipzig, 1872. Comp. também E. Cl. Scherer, “O lingüístico Julius Platzmann e o Brasil” em Comunicações do Instituto para Relações Estrangeiras 5 (Stuttgart, 1955), 35-40.

11 – Um membro da família, o pastor Jean Gamaliel Michaud de Corsier, transmitiu o brasão da família no ano de 1824, compare o Armorial Vaudois 2 (1936), 46.

12 – Conta-se que Charlotte von Lengsfeld, a futura esposa de Friedrichs von Schiller, naquele tempo morava no “Château” como hóspede do superintendente Lentulus.

13 – Comp. o registro de nascimento no “Hôtel de la Ville de Vevey”, de 4 de julho de 1872.

14 – Madame Michèle Guy, em Paris, comunicou ao autor que se encontra em seu poder um desenho que o jovem William teria executado aos 14 anos.

14A – Louise Michaud, nascida Baer, veio de Aarau. Veja Livre Mortuaire de la Ville de Vevey, pág. 326v Nr 1248.

15 – Conforme Taunay, “Estrangeiros Ilustres e Prestimosos” in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico 5, 2 (1895), págs. 225-248, Pradez produziu vários manuscritos a respeito do problema da imigração para o Brasil. Mais tarde ele regressou à terra natal e faleceu na sua fazenda, às margens do lago de Genebra, no ano de 1885.

16 – Somente em fins do ano de 1883, pouco depois da morte do irmão Jules, Michaud começou novamente uma correspondência regular com seus irmãos. Pode-se supor que o desentendimento entre ambos os irmãos era a causa da longa interrupção das relações familiares.

17 – Comp. Robert Avé-Lallemant, in Reise durch Südamerika (Viagem à América do Sul). Leipzig, 1859. pág. 379.

18 – Veja Sebastião Paraná, Chorographia do Paraná, Curitiba, 1899, pág. 692.

19 – Num exemplar do Testamento do dia 15 de maio de 1864, que se encontra em nossas mãos em forma de xerox autenticado, a herança paterna é avaliada na então respeitável quantia de 160.000 francos. William, que conforme lá está dito, se encontra no Brasil, deveria receber, como os irmãos restantes, uma oitava parte. Depois do falecimento do pai, o herdeiro principal parece não ter conseguido pagar os irmãos.

20 – Um inimigo perigoso destas plantações nos declives das montanhas era a erosão (como o é ainda hoje). Platzmann escreve a respeito na página 77: “As quantidades monstruosas de água que caem com ímpeto e abundância incríveis das nuvens, durante as tempestades tropicais, ocasionam grandes devastações. Pode ocorrer que grandes extensões de mata desapareçam durante a noite. Onde ainda ontem havia milhares de gigantes da floresta virgem, vê-se hoje apenas rocha nua ou uma ladeira de terra roxa. O exuberante mundo vegetal tropical tem suas raízes apenas numa camada fina de humos, que se enche de água e que, pelo seu peso, provoca o deslizamento de picos inteiros de base pedregosa que mergulham nos abismos”

21 – Alfred d’Escragnolle (Barão de Taunay) relata no seu livro “Céus e Terras do Brasil”, editado por seu filho Afonso, na página 210, acontecimentos semelhantes. Após uma derrota eleitoral, um professor foi transferido de Curitiba para Guaraqueçaba e uma professora de Paranaguá ao sertão de Guarapuava. Isto foi denominado “Reforma do Professorado”!

22 — Platzmann designou com uma cruz, num mapa anexado ao livro citado acima, o lugar onde foi construída a Igrejinha. No ano de 1881, cita um padre João Doti como vigário. Um ano antes Guaraquessaba (sic) fora elevada a vila.

23 — Platzmann relata um costume popular chamado Folia, quando o vigário de Guaraquessaba (sic) ou um encarregado dele, num barco enfeitado com muitas cores, com a bandeira eclesiástica desfraldada, acompanhado por músicas e cantos, visitava, na semana anterior à festa de Pentecostes, os membros da comunidade. Abençoava as casas e recolhia donativos para uma "celebração digna da festa do Espírito Santo". Assim, com certeza Michaud, como um dos mais respeitados e destacados cidadãos, também teria recebido todo ano esta visita.

24 — Geralmente escolhia-se para padrinho uma pessoa bem colocada. O padrinho tem no Brasil um papel muito mais significativo do que nos países europeus. Ele se torna "compadre" do afilhado e com isto membro da família que, em regra, observa seriamente suas obrigações.

25 — Taunay, em seu livro "Céus e Terras...", pág. 197, descreve detalhadamente esta visita. Refere-se com palavras de admiração e estima a respeito de Michaud, com quem passou a manter uma verdadeira amizade até o fim de sua vida.

26 — Comp. Platzmann: "Na baía de Paranaguá", pág. 258.

27 — "Mutirão" ou também "potirão" significa ajuda por vizinhos. A palavra mutirão vem do tupi-guarani e quer dizer "reunião para o trabalho, seguida de festas", enquanto que "potirão", em guarani, quer dizer "mãos à obra". Esta forma de ajuda por vizinhos é usada até hoje.

28 — Afonso Taunay, o filho do já muitas vezes citado historiador (falecido em 1957), contou ao autor que ele conheceu Michaud em casa da família Guimarães, em Paranaguá. É de sua propriedade a excelente aquarela do Palacete do Barão de Nacar que Michaud pintou e que Newton Carneiro reproduziu na Iconografia Paranaense.

Em contrapartida, não temos nenhuma notícia, nas cartas de Michaud, de visitas a Paranaguá por ocasião de festas religiosas ou profanas, embora isto pareça provável. Talvez para a festa do aniversário do Imperador ou, mais tarde, para a festa da Independência do Brasil no dia 7 de setembro ou ainda em 18 de maio de 1880, quando foram inaugurados os trabalhos da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, com um Te Deum Festivo, na presença do Imperador Pedro II e da Imperatriz Teresa (sic). Ou na festa popular de Nossa Senhora do Rosário (Roscio), quando a população reunia-se em inúmeros barcos na baía de Paranaguá.

29 — Newton Carneiro, "Iconografia Paranaense", págs. 37 e seguintes.

30 — Taunay, "Céus e Terras do Brasil", pág. 197.

31 — Do Rio de Janeiro chegava a notícia de numerosos casos de morte. Lá, notoriamente, a febre amarela era um fenômeno que sempre se repetia. Pouco depois da chegada de Michaud ao Brasil, o Consulado Geral da Suíça comunicava, no dia 24 de maio de 1850, ao Conselho da Federação, que desde o início do ano, 8 mil a 10 mil pessoas teriam sucumbido à doença. Na colônia suíça, que teria na época cerca de 400 pessoas, "somente" foram registradas 18 mortes. No ano de 1860, a febre amarela provocou a morte de 11 imigrantes suíços (entre eles Gabriel Béron, de Vevey, na idade de 23 anos). Também nos anos de 1873 e 1878, o Consulado Geral comunicava a ocorrência de epidemias graves e prevenia sobre os riscos das viagens ao Brasil.

O retorno sistemático da epidemia era recebido com certo fatalismo. Somente no início do século XX o médico Oswaldo Cruz, formado pelo Instituto Pasteur de Paris, conseguiu erradicar o mal quase completamente.

32 — Comp. Romário Martins, História do Paraná, Curitiba, 1939, 2, pág. 341; outrosim, David Carneiro, o Paraná e a Revolução Paranaense, Rio, 1924, pág. 289 e José Candido da Silva, A revolução de 93 nos Estados de Santa Catarina e Paraná. Rio de Janeiro.



É difícil acreditar que a história do suíço William Michaud tenha como cenário a mesma ilha de Superagui, no litoral norte do Paraná, onde vivem hoje algumas poucas e pobres famílias de pescadores.

Dona Helena, bisneta de Michaud, vive na ilha como todos: um barraco miserável, de paredes nuas, onde a foto do pai, Pedro Michaud, tem um lugar de honra. Ela não conheceu o bisavô mas repete as histórias aprendidas com o pai: "Havia uma casa bonita, de grandes janelas, plantações ao fundo, fonte de água e muitas flores". Conta, quase sem acreditar, olhando a paisagem da ilha, que não guarda nenhum traço desta aventura suíça nos trópicos.

Foi a curiosidade de um imigrante alemão, o médico Joachim Graf, radicado há muitos anos em Curitiba e velho admirador das paisagens da ilha, que trouxe a público a beleza e vigor da história e do trabalho de William Michaud. A pequena obra de Emilio Scherer, escrita em alemão e publicada na Suíça, foi achada na biblioteca de amigos da colônia alemã. Traduzida com toda dedicação pelo médico, traz aos leitores brasileiros a saga de Michaud e a riqueza de sua obra. Na foto, de Cristiano Graf, o encontro de duas pontas desta história: dona Helena — o retrato do pai Pedro — e Joachim Graf.